C6BANK • MITSUBISHI MOTORS

UNQUIET



CHILE · GUATEMALA · ÁRTICO · XINGU

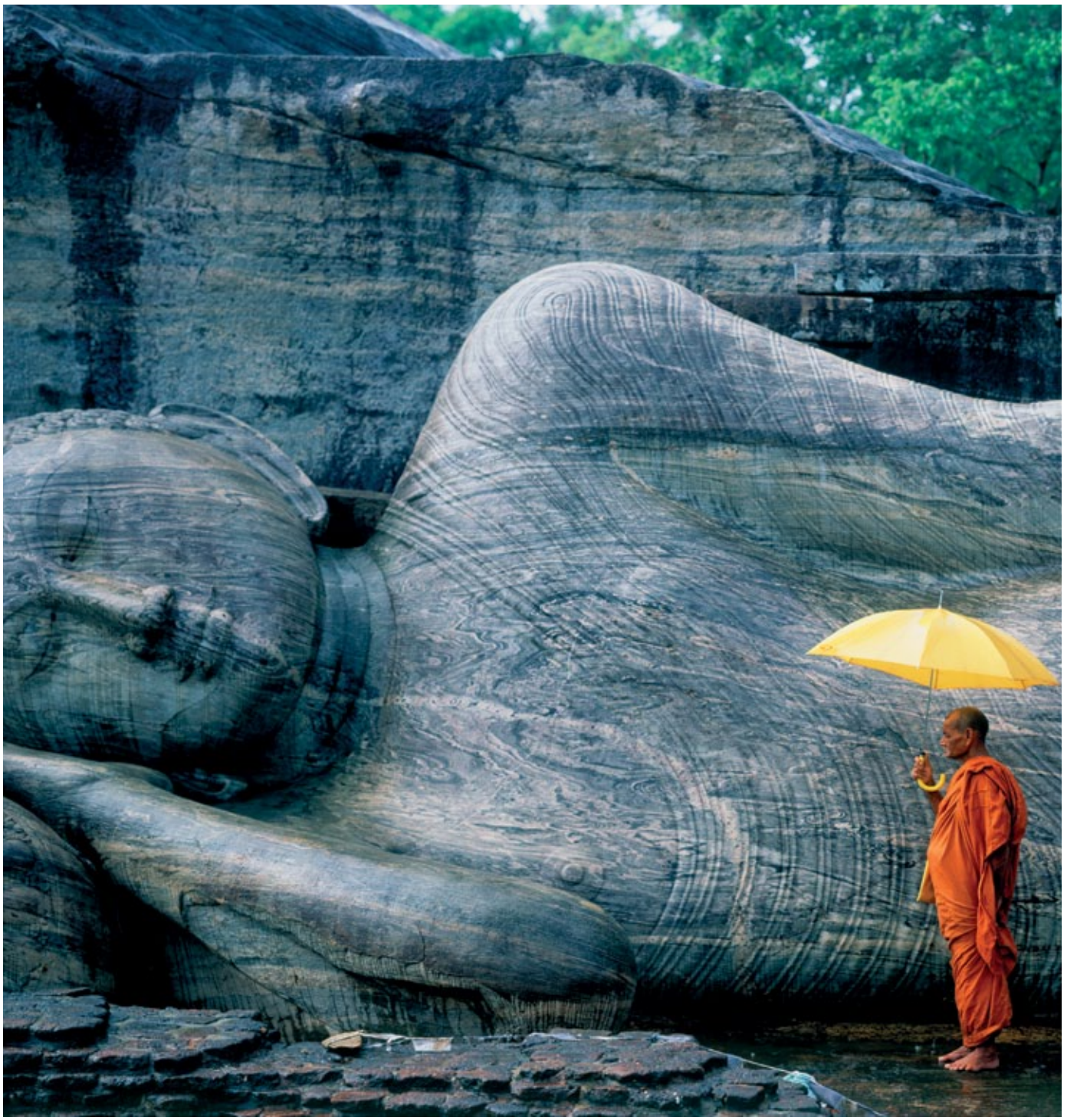
EDIÇÃO 13 | UNQUIET

CUSTOM | A SUA AGÊNCIA DE CONTEÚDO

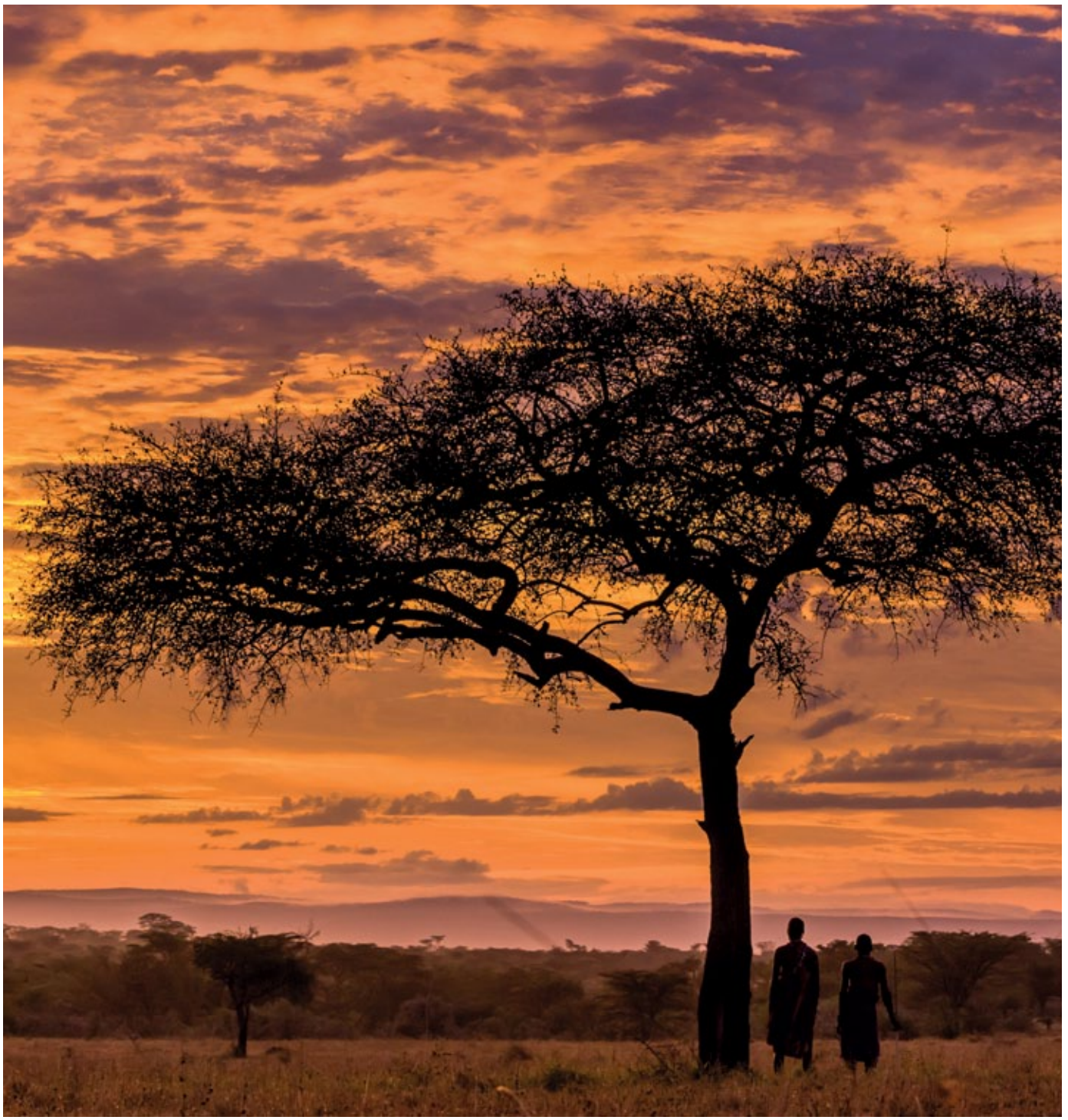
TUNKÜNOLEN



අදිවිය



BILA *UTULIVU*



UNQUIET
em qualquer lugar do mundo.

Ser UNQUIET é se sentir provocado a conhecer o novo. E se você estranhou a mudança de nome da revista, é uma pessoa UNQUIET.

Nestes 3 anos, falamos de destinos que fogem do óbvio e resolvemos fazer o mesmo com o nosso nome.

Nesta edição, apresentamos três idiomas que são menos conhecidos ao redor do mundo: mapuche, falado em regiões do Chile e Argentina, cingalês, língua oficial do Sri Lanka, e o swahili, falado no Quênia.

Esperamos continuar despertando o seu lado inquieto a cada edição, e que você se sinta inspirado a descobrir novos lugares pelo mundo.

Stay alive. Be Unquiet.

Revista Unquiet /

Seu banco em qualquer lugar do mundo

Conta em real, dólar e euro com menos tarifas

Baixe o app
e abra a sua conta

C6BANK



Tech and Soul

NO TRÂNSITO, ESCOLHA A VIDA.

IBAMA HOMOLOGADO

NOVO MITSUBISHI ECLIPSE CROSS TURBO 4x4

MITSUBISHI
SÓ SE COMPARA COM UM
MITSUBISHI



Tech and Soul

eclipsecross.com.br

TRAÇÃO DO ICÔNICO LANCER EVO

Maior aderência em qualquer terreno, seco ou molhado.

TETO SOLAR DUPLO

Panorâmico com painéis de vidro dianteiros e traseiros.

HEAD UP DISPLAY DO CAÇA F-2 DA MITSUBISHI

Tenha toda a informação sem tirar os olhos do caminho.

PACOTE TECNOLÓGICO DO PAJERO SPORT

Dirija com segurança e conforto, tanto na estrada quanto na cidade.

MITSUBISHI MOTORS
Drive your Ambition

* Os features apresentados são da versão HPE-S S-AWC

Sumário

018 **360º** – Na cidade ou na natureza, os destaques da hotelaria mundial

036 **Festivais** – Ícones da música e novas vozes no festival mais *eco friendly* do mundo

042 **Check-in** – Consumir verde é o caminho para viver e viajar melhor

044 **48 Horas** – Milão fora do padrão, longe da moda e perto da essência italiana

046 **Biblioteca** – Obras para conhecer o Brasil e a potência da nossa literatura

048 **Brasil** – O dia a dia e os ensinamentos da vivência no Território Indígena do Xingu

058 **Cultura** – Tesouros naturais, culturais e históricos da Ilha de Páscoa

068 **Arte** – A usina que virou museu e transformou a Zona da Mata de Pernambuco

078 **Esporte** – Da Califórnia ao Chile, as sete ondas mais cobiçadas do surfe

090 **Bem-estar** – Um retiro de beleza e *wellness* na Toscana

098 **Proudly** – Mykonos, um ícone de diversão e hedonismo desde Jackie O

102 **Ensaio** – Bruno Feder documenta a resiliência humana em lugares esquecidos

110 **Gastronomia** – Ancestralidade e identidade cultural na cozinha guatemalteca

120 **Aventura** – A natureza pujante do Parque Nacional Patagônia

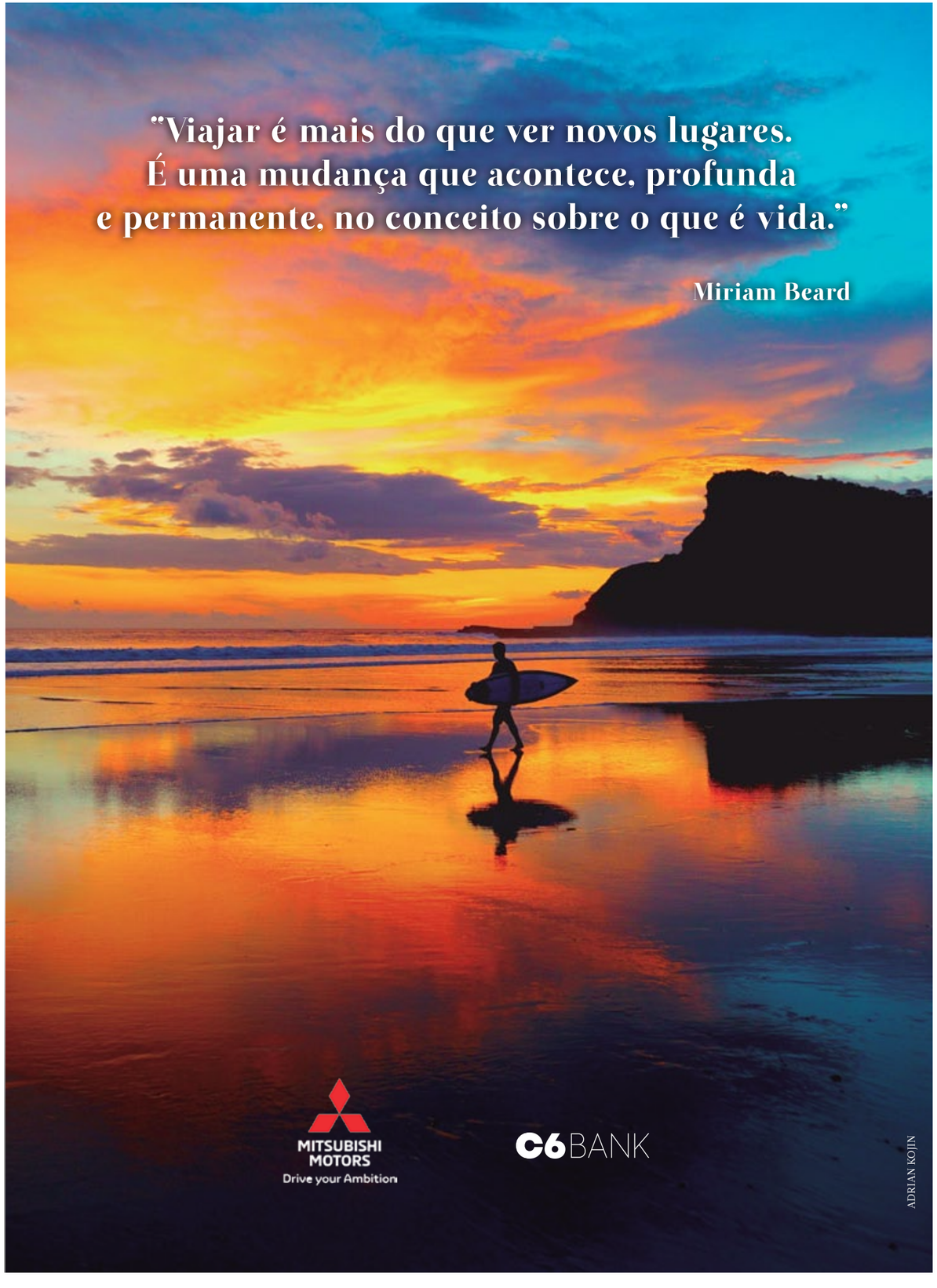
130 **Entrevista** – Um novo olhar sobre o Butão

136 **Aventura Extrema** – De *snowmobile* pelo Ártico

144 **Crônica** – Ana Carolina Raimundi: quando carinho e conforto são o destino

146 **Inspiradores** – Douglas Tompkins, o mecenas da natureza





UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL
Fernando Paiva *(in memoriam)*

DIRETOR EXECUTIVO
André Cheron

DIRETORA DE CONTEÚDO
Nathalia Hein

CONSULTOR
Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL
Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE
Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE
Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL
Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL
Patricia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL
Luciana Lancellotti

PROJETO GRÁFICO
Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS
Fernanda Espíndola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO
Texto: Adrian Kojin, Ana Carolina Raimundi, André Lucchesi, Andréa Rêgo Barros, Corinna Sagesser, Erik Sadao, Francisco Bosco, Juliana A. Saad, Lalai Persson, Letícia Rocha, Luciana Lancellotti, Luciola Zvarick, Marc Pottier, Nathalia Hein, Paula Lemos e Pedro Pacífico
Fotos: Adrian Kojin, Bruno Feder, Luciola Zvarick, Renato Soares, e Tuca Reinés
Ilustração: Antonio Lee e Antonio Tavares
Revisão: Paulo Kaiser

CAPA
Tuca Reinés

CUSTOM EDITORA LTDA.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS *revistaunquiet.com.br/assine*

@revistaunquiet
/revistaunquiet
@revistaunquiet
/revistaunquiet
@revistaunquiet

A versão digital está disponível no site *revistaunquiet.com.br*

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C044162

Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.

Editorial

HÁ 3 ANOS CELEBRANDO O LADO UNQUIETO DO MUNDO

Três anos se passaram desde o lançamento da primeira edição da UNQUIET. Durante esse tempo, percorremos o mundo, explorando desde a Antártica até o Ártico, fomos da América do Sul à Ásia, passando pela Europa e América do Norte, sempre em busca de novas experiências e aprendizados.

Nesta edição especial que celebra o terceiro aniversário da UNQUIET, destacamos a intocada Patagônia chilena e sua majestosa paisagem. Essa região guarda uma das áreas mais preservadas do mundo, oferecendo uma imersão completa na natureza remota. Também visitamos um hotel na Toscana, centrado no bem-estar, com tratamentos baseados na natureza e nos produtos locais.

Viajamos desde a Califórnia até o Peru para surfar as melhores ondas de uma rota que habita os sonhos de todo surfista, revivendo uma viagem que aconteceu há 30 anos. Desembarcamos na mística Ilha de Páscoa, com sua cultura única, para explorar a impressionante história dos Rapa Nuis e os mistérios dos moais. Na Guatemala, um destino conhecido por sua história e natureza, nos surpreendemos com a rica e variada gastronomia local.

No Brasil, visitamos um museu a céu aberto próximo a Recife, lar de obras de importantes artistas que enriquecem nossa apreciação pela arte. Em uma imersão no Xingu, uma das nossas regiões mais belas e intocadas, vivenciamos o cotidiano de uma aldeia indígena, trazendo para esta edição valiosos aprendizados.

Também exploramos o Ártico em uma emocionante viagem de *snowmobile*, cercados por paisagens de tirar o fôlego. Alinhados com um dos pilares da UNQUIET, a sustentabilidade, entrevistamos o responsável pelo turismo do Butão, um país que visitei anos atrás, em uma das jornadas mais transformadoras da vida, e que serve como exemplo de cuidado e respeito pela natureza, pelas pessoas e pela cultura.

Assim, encerramos mais um ano repleto de incríveis viagens ao redor do mundo, que nos inspiraram para o ano que se inicia.

Desejamos a todos boas festas e que 2024 traga mais paz e luz a este planeta, que tanto precisa de respeito, de amor e de compreensão.

Stay alive.
Be UNQUIET.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Um banco completo em um só app

Conta corrente, cartão de crédito sem anuidade e muito mais para sua vida financeira ser mais leve

Baixe o app
e abra a sua conta

C6 BANK



Tech and Soul

Colaboradores



Advogado formado pela USP e com LLM pela New York University, **Pedro Pacífico** deu vazão a seu talento de leitor voraz ao criar, em 2017, o perfil @book.ster no Instagram, hoje com mais de 400 mil seguidores, em que comenta obras e fala sobre literatura. Ele também comanda o podcast Daria um Livro e lançou o livro *Trinta Segundos Sem Pensar no Medo: Memórias de um Leitor*. Na seção Biblioteca, elegeu obras que conduzem a uma viagem pela essência literária das regiões do Brasil.



A voz firme e os traços elegantes da jornalista **Ana Carolina Raimundi** permeiam o imaginário coletivo do espectador brasileiro há quase duas décadas. Apresentadora e repórter de telejornais, atua como repórter especial do *Fantástico* desde 2018 e tem no currículo entrevistas com grandes ídolos do cinema e da música mundiais. Para a UNQUIET, ela abriu seu coração, na seção Crônica, sobre uma viagem emotiva e cheia de significados que fez à Itália.



A arte é o grande alimento de **Antonio Lee**. O paulistano tem seu trabalho voltado principalmente para a pintura, combinando elementos da arte moderna e contemporânea. Há cinco anos, começou a utilizar ferramentas de inteligência artificial em seu processo criativo, abrindo caminho para novas dimensões em sua arte. Essa nova abordagem torna seu trabalho uma exploração contínua de novos critérios de pintura. É dele a ilustração que acompanha a Crônica desta edição.



Lucíola Zvarick conduziu sua carreira pelas estradas do jornalismo diário, atuando como editora de texto em grandes telejornais das principais emissoras do país. Mas sua vocação (e paixão) pela fotografia a levou a combinar os dois ofícios e especializar-se no registro e estudo das etnias indígenas, tendo como referência os povos da Terra Indígena do Xingu (MT), o ecoturismo e a gastronomia. Ela assina o texto e as imagens da seção Brasil em parceria com o marido, o fotógrafo Renato Soares.



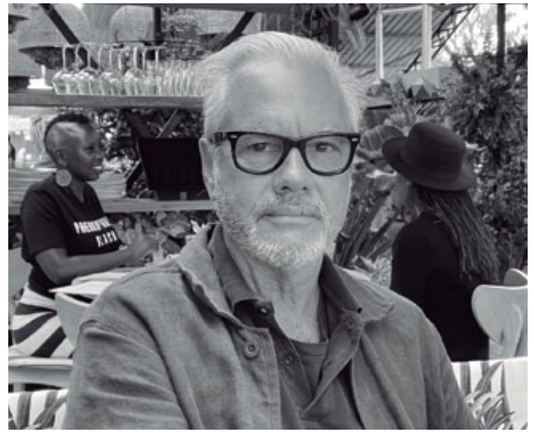
Uma das mentes mais brilhantes de sua geração, com notável capacidade de análise e de debate sobre temas importantes da atualidade, **Francisco Bosco** é filósofo, ensaísta, autor de diversas obras e apresentador do programa *Papo de Segunda*, do canal GNT. Suas viagens também são uma forma de rever o mundo, sua história e seus personagens, conforme narra em sua experiência tão mágica e marcante pela Ilha de Páscoa, texto que assina para a seção Cultura desta edição.



Designer com incursões em moda, mobiliário e decoração, **Paula Lemos** dedica todo o tempo que pode à sua grande paixão: viajar. Já andou pelos quatro cantos do planeta, desde o tempo em que era *marchande* de arte tribal e viajava pela África e a Ásia para pesquisas sobre o tema. Ela se interessa especialmente por gastronomia, que acredita ser uma forma de conhecer as culturas que visita. Os sabores da cozinha da Guatemala são tema de sua matéria da seção Gastronomia.



Uma viagem a Uganda, na África, mudou para sempre os rumos da vida do fotógrafo **Bruno Feder.** Formado em relações internacionais, usou o profundo conhecimento em temas humanitários e a paixão pela fotografia para construir uma carreira baseada no registro de experiências humanas de resiliência em alguns dos países mais remotos e pobres do mundo. Bruno trabalha em parceria com organizações como ONU e Unicef. São deles as fotos do Ensaio desta edição.



Tuca Reinés faz parte da história da UNQUIET e da fotografia brasileira. Formado em arquitetura e urbanismo pela FAUS, desde os anos 1970 é um dos maiores nomes do ramo, com dezenas de livros lançados, incluindo títulos pela editora Taschen e o, mais recente, sobre os 100 anos do Copacabana Palace. Tuca já acompanhou a UNQUIET aos quatro cantos do mundo e, na edição que celebra os 3 anos da revista, assina as fotos da seção Aventura e a capa sobre o Parque Nacional da Patagônia.









ELEGÂNCIA RÚSTICA NA COSTA LESTE URUGUAIA

Com atmosfera low-profile e praias de dunas douradas, essa antiga vila de pescadores é um contraponto à agitação da vizinha Punta del Este

POR LUCIANA LANCELLOTTI

Aninhada a 30 km da sempre agitada Punta del Este, José Ignacio permanece imersa em sua originalidade tranquila – um antigo vilarejo de pescadores na costa leste uruguaia. Esse destino sereno, e elegantemente rústico, por muitos anos permaneceu como um segredo bem guardado, mas ainda hoje é um contraponto à efervescência de Punta, com seus cassinos fervorosos e shoppings movimentados.

Desde 2015, a conexão entre as duas se dá por meio da impressionante Ponte Laguna Negra. Sua estrutura circular, de 103 m de diâmetro, contorna um lago e um pesqueiro – projeto idealizado pelo arquiteto uruguaio Rafael Viñoli. É uma bem-vinda opção à antiga e longa jornada via Ruta 9 ou à pitoresca travessia de balsas pela Ruta 10, já que hoje a viagem pela ponte dura apenas 30 minutos. Com espaço exclusivo para a circulação de ciclistas e pedestres, ela limita a velocidade dos veículos a no máximo 40 km/h, o que é um convite para desacelerar e aproveitar a paisagem.

GASTRONOMIA

Embora a ostentação não grite por esses lados, a exclusividade tem seu preço – geralmente mais custoso do que em Punta. As ruas de areia levam a praias de dunas douradas, propriedades luxuosas e campos de golfe.

Em sentido horário, o novo Pajero Sport Legend, a estrutura circular da Ponte Laguna Negra e a rusticidade da Estancia Vik, no topo de uma colina. Na outra página, o emblemático farol desponta majestoso na paisagem de José Ignacio

FOTOS GETTY E CREATIVE COMMONS

A culinária destaca frutos do mar, peixes frescos e pratos que, além de ingredientes marinhos, incorporam elementos de fogo e terra. Uma boa sugestão é o Namm *(@namm.joseignacio)*. Chega-se a ele por uma estrada de terra, cortando a mata – um caminho mais bem explorado a bordo de um Mitsubishi 4x4. A especialidade é o sushi, mas igualmente imperdíveis são o bife ancho e o cordeiro assado por 36 horas.

Também na mata, o Marismo *(restaurantmarismo.com)* tem cenário à beira-mar, com velas, lanternas e forno a lenha. Peça o arroz de mar com mariscos e camarões ou uma das pizzas. É bom lembrar que a maior parte dos restaurantes abre somente na alta temporada. A noite começa por volta das 23 horas e ir sem fazer reserva é uma aventura por sua conta e risco.

ONDE SE HOSPEDAR

Descontraído e informal, o Casa Suaya *(casasuaya.com)*, na Playa Brava, tem lofts e chalés com pegada rústica, bom para cavalgadas, ciclismo, windsurfe, pesca e trilhas a pé. Já os hotéis Vik são clássicos locais: o mais antigo, Estancia Vik *(estanciavik.com)*, a 15 minutos de carro das praias e do centro, fica no topo de uma colina, tem 12 suítes e abriga uma respeitável coleção de obras de arte do acervo da família Vik. Já o contemporâneo Playa Vik *(playavik.com)*, na Playa Mansa, tem seis casas e três suítes, com bikes e caiaques à disposição. A 500 m, com um ambiente casual, está o Bahia Vik *(bahiavik.com)*, praticamente imerso nas dunas da praia. Com 15 bangalôs e dez suítes, conta com quatro piscinas ao ar livre.

José Ignacio é um destino para relaxar e mergulhar em trajetos e atividades guiados por uma boa dose de aventura. Você encontra mais detalhes sobre essa viagem e vários outros destinos incríveis pelo Brasil e pela América do Sul no site Mit Drivelines *(mitdrivelines.com.br)*. Para os amantes de exploração com o conforto da primeira classe, nada melhor do que um Mitsubishi 4x4 para alcançar esses lugares exclusivos.

C6BANK

APRESENTA

360º

A natureza em movimento no Serengeti, um refúgio elegante em Gouda, a casa intimista de Susana Balbo, conforto chic em Bangkok, um novo camp *na África do Sul, um* château *em Médoc e férias em um fiorde norueguês*

POR NATHALIA HEIN

Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse *revistaunquiet.com.br/dicas*







WILDERNESS USAWA SERENGETI

Nada pode ser mais especial do que testemunhar a natureza em movimento. E esse é exatamente o propósito do novo Wilderness Usawa Serengeti, a primeira operação de tendas móveis que segue a Grande Migração do Parque Nacional do Serengeti, na Tanzânia. A ideia é que os hóspedes se movam juntamente com a jornada dos animais, podendo observar de perto, e sem nenhum filtro ou intervenção, esse momento mágico na África. Entre safáris, caminhadas e momentos de pura contemplação, é possível observar a migração de gnus, zebras, gazelas e elandes, além de mais de 500 espécies de pássaros. Totalmente móvel, o *camp* acomoda até 12 pessoas, em seis tendas, e leva a assinatura de estilo e conforto da Wilderness, com decoração elegante e mobiliário concebido e fabricado localmente, o que impacta diretamente a vida dos artesãos e carpinteiros de Arusha, que utilizaram materiais locais, fios tingidos à mão e resíduos reciclados para os objetos. Ao celebrar 40 anos, a Wilderness, que começou sua jornada como uma empresa de safáris móveis, reforça seu compromisso com o meio ambiente e a sustentabilidade de suas operações ao revisitar o formato itinerante.
wildernessdestinations.com





RELAIS & CHÂTEAUX WESSHUIS

Um refúgio de elegância atemporal no distrito histórico da Cidade do Queijo, como a holandesa Gouda é conhecida, o Relais & Châteaux Wesshuis ocupa um dos endereços mais importantes de lá. Ao lado da Capela de Jerusalém, o hotel está abrigado em um antigo orfanato do século XVI. Embora mantenha traços originais do edifício, as 25 suítes flertam com o contemporâneo com uma decoração excêntrica, atípica e sofisticada. A ideia é que o hotel design ofereça aos hóspedes os mesmos charme e sensação de autenticidade que Gouda oferta a seus visitantes: uma viagem no tempo que combina perfeitamente com o bairro onde está instalado, entre ruelas, pontes, canais, museus e queijarias centenárias. Da janela das suítes do hotel é possível avistar marcos mundialmente famosos, como os vitrais da Igreja Sint Janskerk (de 1555 e Patrimônio Histórico da Unesco) e a antiga Câmara Municipal (de 1438), que serve de pano de fundo para o famoso Mercado do Queijo da cidade.
relaischateaux.com



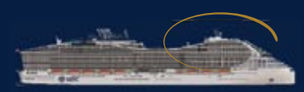
MSC YACHT CLUB

Bem-vindo a um mundo de privacidade e luxo

O MSC Yacht Club é seu refúgio de **luxo** e **privacidade**.
Seu paraíso de férias **exclusivo**, uma ilha particular dentro de um navio da MSC Cruzeiros. Delicie-se com o ambiente **relaxante** e **elegante** do MSC Yacht Club, que possui lounge exclusivo, piscina, hidromassagens, solarium, bar e restaurante com bebidas e Wi-Fi incluídos, além de **acesso ilimitado** à área termal do MSC Aurea Spa. Seu concierge irá recebê-lo com embarque **prioritário** e **seu mordomo** cuidará de todas as suas necessidades, desde reservar um horário exclusivo para as compras em nossas lojas, até pedir guloseimas às 3h da manhã. Seus mais **simples desejos** são nossa **prioridade**.

Esqueça as preocupações, relaxe e desfrute de tudo o que você desejar.

Consulte **msccruzeiros.com.br** ou seu agente de viagens.



MSC CRUZEIROS
Descubra o Futuro dos Cruzeiros

REDEFININDO O LUXO ESPORTIVO

RANGE ROVER
SPORT



No trânsito, escolha a vida!





SUSANA BALBO UNIQUE STAYS

Imagine ter a oportunidade de se hospedar na casa de uma das mais conceituadas enólogas do mundo e viver a rotina de uma vinícola com o ritmo de um hotel cinco estrelas. Essa experiência é uma realidade em Mendoza, Argentina. Mais especificamente na casa de Susana Balbo, uma sumidade do mundo dos vinhos, que converteu sua própria residência em um hotel intimista na região de Chacras de Coria, a meia hora do centro da cidade. Cada uma das sete suítes tem nome e decoração inspirados por cada um dos elementos da Árvore da Vida, que visa representar a potente história da anfitriã, uma pioneira da enologia. Para decorar cada uma das amplas vilas e também os ambientes, muitos elementos artesanais exaltam a origem e a cultura de Susana, como peças e tapeçarias feitas localmente. Os tratamentos de spa podem ser realizados nas próprias vilas e combinam produtos de ervas regionais. Uma das experiências mais surpreendentes da estadia tem, claro, a ver com os vinhos da casa, na sala de degustações, no Mesa del Chef, com um menu em sete etapas, harmonizado com os rótulos de Balbo, ou no excelente Osadia de Crear, restaurante que fica em outra propriedade da vinícola Susana Balbo Wines, a alguns quilômetros de distância.

susanabalbohotels.com

OCEANIA CRUISES
YOUR WORLD. YOUR WAY.



The CULINARY CENTER

A Oceania Cruises oferece diversas experiências culinárias a bordo e em terra. Uma delas é o ***Culinary Center***, que apresenta um novo nível de imersão gastronômica à medida que nossos apaixonados Chefs Instrutores compartilham suas perspectivas esclarecedoras sobre cultura e culinária através das lentes da comida e do vinho. Aqui, os hóspedes podem não apenas participar de aulas práticas – mas também podem se deliciar com os prazeres do paladar no novo Culinary Center Dining Room com vista para o mar, com jantares de grupo privativos ou uma de nossas muitas experiências exclusivas e aclamadas com harmonização entre comida e vinho. Embarque conosco e experimente A Melhor Gastronomia dos Mares a bordo da Oceania Cruises.







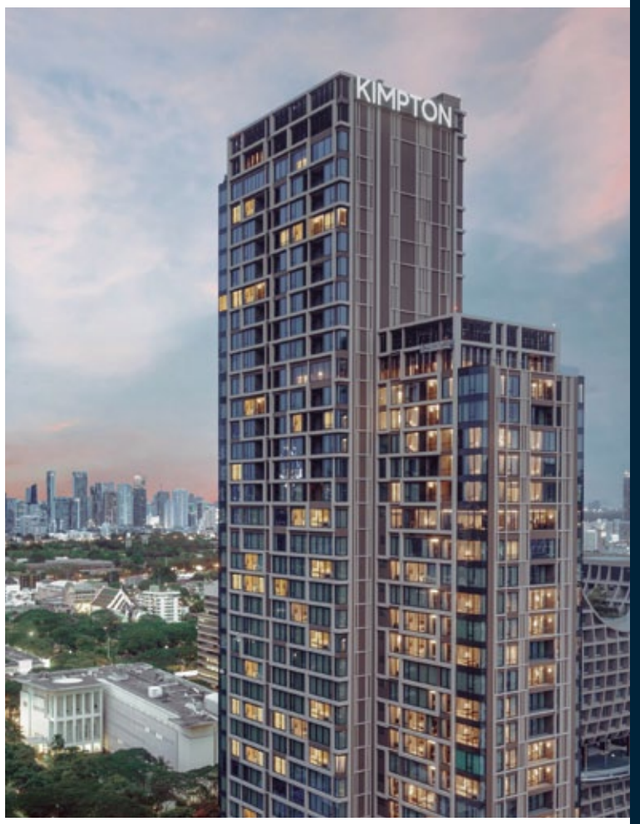
CULINÁRIA PRIMOROSA E REQUINTADA.
EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM SELECIONADAS.
NAVIOS ACONCHEGANTES E LUXUOSOS.

Para mais informações, visite OceaniaCruises.com ou consulte seu agente de viagens.



KIMPTON MAA-LAI BANGKOK

Em uma das mais fervilhantes metrópoles do Sudeste Asiático, a autenticidade e o conforto de um hotel carismático são um alento para a profusão de informações e estímulos das ruas de Bangkok. Aberto em 2020, o Kimpton Maa-Lai Bangkok tem como premissa criar uma experiência pessoal e customizada aos hóspedes, embora conte com 362 quartos. No bairro central de Pathum Wan, o hotel oferece alguns diferenciais, como a possibilidade de um menu de plantas para ambientar as acomodações conforme o desejo do hóspede, tapetes de ioga nos quartos, *amenities* completos da Harnn e bicicletas disponíveis para explorar a cidade, com acesso fácil aos bairros de Sukhumvit, Silom e Siam, entre outros. A ideia de manter um clima natural e orgânico para desacelerar está presente também na decoração, feita com cores neutras, tecidos orgânicos e madeiras – com destaque para as banheiras gigantes, posicionadas em um janelão com vista para um parque. Em todos os ambientes, incluindo os cinco restaurantes e bares *signature* do hotel e spa, é possível desfrutar o serviço cuidadoso e devotado dos funcionários. Pets são mais do que bem-vindos.
kimptonmaalaibangkok.com



NATUREZA
E EXPERIÊNCIAS



No Tivoli Ecoresort Praia do Forte as belezas naturais e o serviço de alta qualidade se unem em um verdadeiro refúgio de bem-estar e conforto para as suas próximas férias em família. Gastronomia exclusiva, atividades ao ar livre, esportes náuticos, piscinas, Anantara Spa e Clube infantil para as crianças, proporcionam maravilhosas experiências para dias inesquecíveis.

TIVOLI
PRAIA DO FORTE
BAHIA ECORESORT

www.tivolihotels.com







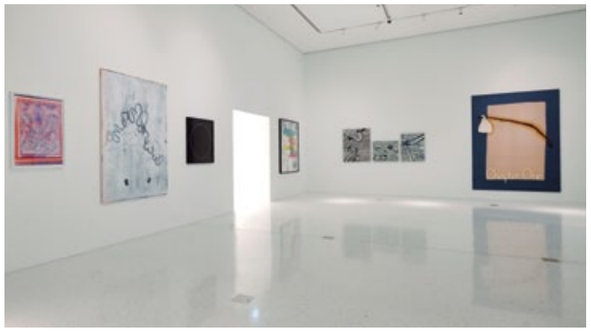
TSWALU KALAHARI

Na maior reserva privada da África do Sul, o Tswalu Kalahari é conhecido por oferecer grandes experiências a seus hóspedes, com sua hospedagem customizada. A reserva acaba de inaugurar seu terceiro *camp:* o Loapi Tented Camp agora integra o *lodge*, que já contava com os *camps* Motse e Tarkuni. Único, entre os três, que funciona de forma independente, o Loapi tem como estrutura seis tendas erguidas de forma elegante e totalmente sustentável na savana, onde cada hóspede conta com amplo espaço e privacidade para explorar a região da forma que preferir, seja programando seus safaris nos horários mais convenientes, seja em passeios, como um piquenique na base das Korannaberg Mountains. Além de promover grandes momentos em safáris intimistas, com um veículo privativo com *ranger* e rastreador por tenda, o Tswalu tem o apoio ao projeto de conservação da Tswalu Foundation como seu propósito: deixar o mundo melhor do que foi encontrado, com um modelo de turismo sustentável e baixo rastro no meio ambiente.

tswalu.com







Um lar para a arte da escrita

Montblanc Haus convida seus visitantes a descobrirem o poder da caligrafia

Em sentido horário, a fachada da Montblanc Haus, em Hamburgo, peças de uma das exposições e uma das salas da mostra

Nada poderia fazer mais sentido do que recontar a história da Montblanc através da escrita. Afinal, a mítica grife de relojoaria e instrumentos de escrita permeia o coletivo imaginário de consumidores (e leitores e escritores) de todo o mundo a partir de sua excelência no tema há quase 120 anos. Aberta pouco mais de um ano atrás, a Montblanc Haus nasceu com o propósito de desvendar a história da marca, desde sua fundação até os dias de hoje, e de como ela deixou seu registro no mundo de forma definitiva.

Ao lado da sede da empresa, em Hamburgo, uma das mais vibrantes e elegantes cidades da Alemanha, a Montblanc Haus convida os visitantes a experimentarem o poder da escrita – e do que foi escrito por grandes e míticos escritores.

O amplo edifício do museu, que conta com três andares e mais de 3 mil metros quadrados, foi projetado para que, logo na entrada, os visitantes percebessem as referências sobre o tema. A fachada preta, inspirada pela herança do formato histórico da embalagem de objetos de escrita da marca, contrasta com o interior do prédio, todo branco e com uma iluminação intensa, em outra referência às cores da grife.

As galerias abrigam uma exposição permanente, cujo propósito é permitir que se experimente toda a magia da escrita, da caligrafia e da criatividade, possíveis, através da história dos instrumentos de escrita Montblanc, incluindo a icônica Meisterstück.

montblanc.com.br





LA MAISON D'ESTOURNEL

Estendendo-se languidamente ao longo do Estuário de Gironde, Médoc é um idílio bucólico onde as vinhas crescem entre rosas e o tempo parece nunca passar. A apenas uma hora de Bordeaux, esse é o cenário da viagem de sentidos proposta pela lendária La Maison d'Estournel, uma propriedade da coleção do hoteleiro Michel Reybier. Originalmente de posse de Louis-Gaspard d'Estournel, a casa foi convertida em um refúgio muito intimista e especial. São apenas 14 quartos, todos decorados com simplicidade e elegância atemporal, nos quais os hóspedes têm a oportunidade de vivenciar uma verdadeira imersão na natureza. Entre as experiências propostas, eles podem se aventurar na cozinha, caso queiram, ou visitar a horta orgânica da propriedade com o *chef* para escolher o que será servido no menu do dia. O serviço, atento e informal, também oferta cestas, para quem quiser fazer um piquenique entre as vinhas, e bicicletas e cavalos para explorar as muitas florestas de cedros e sequoias da região. O rico *terroir* de Médoc, enriquecido pela proximidade do mar, propicia grandes vinhos e grandes momentos, em um dos lugares mais belos da França.
lamaison-estournel.com

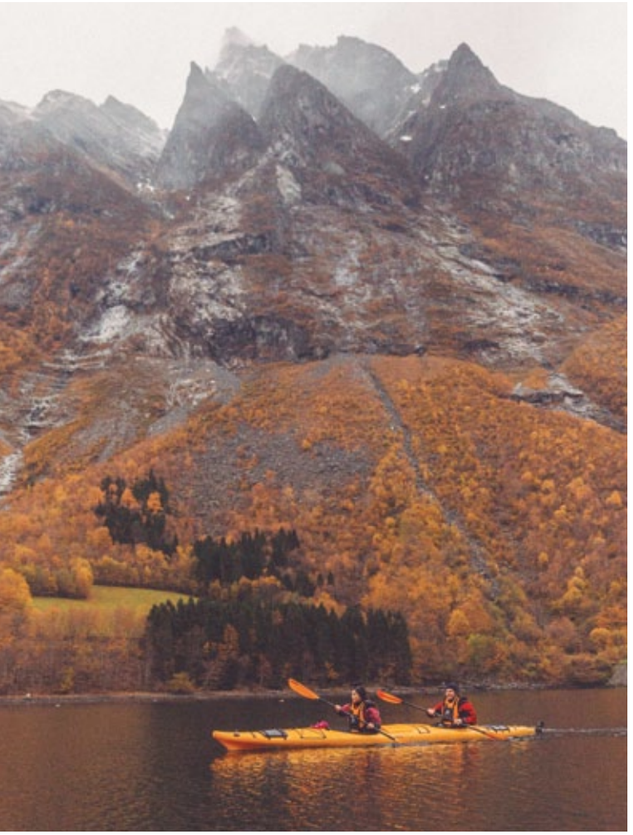
"Com a marvada pinga
É que eu me atrapaio
Eu entro na venda
e já dou meu taio
Pego no copo
e dali num saio
Ali memo eu bebo,
ali memo eu caio
Só pra carregar
é que eu dô trabaio"

MARVADA PINGA (1937)
MÚSICA DE OCHELSIS LAUREANO

A PINGA MAIS CONHECIDA DO BRASIL

pinga

RUA DA CONSOLAÇÃO 3378 **SÃO PAULO**
RUA REDENTOR, 68 **RIO DE JANEIRO**
WWW.PINGASTORE.COM.BR



UNION ØYE

Fundado em 1891 e reaberto em meados de 2023, após uma reforma e expansão de dois anos, o Union Øye é uma verdadeira instituição, aclamado como um refúgio de reis, rainhas e grandes artistas e escritores ao longo do século XX. Sua localização dramática, no isolado vilarejo de Øye, em um fiorde norueguês, faz com que o hotel evoque o estilo de viajar sem pressa, voltado para a contemplação, a leitura e a apreciação do entorno – aliás, fantástico em vistas. Os quartos, decorados individualmente e com nomes em homenagem a hóspedes ilustres, são de uma elegância atemporal e celebram a cultura nórdica. O clima intimista é a marca da estadia, mas as aventuras são fartas para quem quiser explorar a região em caminhadas, um cruzeiro entre os fiordes, visitas a fazendas históricas nas montanhas e até escaladas. De volta ao aconchego do Union Øye, a programação inclui uma ótima gastronomia, baseada na cozinha norueguesa, sessões de contação de histórias, na lendária biblioteca, drinques no bar e, claro, muito glamour nas acomodações, às quais a expansão incluiu três novas suítes, que têm, entre os diferenciais, lareiras e até um botão "press for champagne", na suíte Queen.
unionoye.no



TENÇÃO ATENÇÃO
ATENÇÃO ATENÇÃ
TENÇÃO ATENÇÃO

ATENÇÃO

VAI MUDAR DE ENDEREÇO?
NÃO ESQUEÇA DE NOS AVISAR!

Mantenha seus dados atualizados pelo
nosso e-mail **revistaunquiet@customeditora.com.br**
e continue recebendo sua revista de viagem!

FG EMPREENDIMENTOS

BALNEÁRIO CAMBORIÚ: 10 MOTIVOS PARA INVESTIR

A cidade catarinense conquistou o mercado imobiliário e se destaca como um destino para turistas e novos moradores

Se existe um lugar que é um verdadeiro farol para o mercado imobiliário, ele é Balneário Camboriú. A cidade do litoral norte de Santa Catarina vive um boom em relação à procura por imóveis para investimento e até mesmo para morar. Não por acaso, é a maior valorização do país, com 22% ao ano.

A partir de informações e comentários de Patrícia Fernandes, gerente de planejamento comercial e de marketing da FG Empreendimentos, apresentamos aqui dez motivos para atrair investidores nacionais e internacionais, além de novos moradores.

1. PLANEJAMENTO PARA O FUTURO
A cidade vem se transformando. O alargamento da praia, o recente *masterplan*, com a assinatura do escritório do arquiteto Jaime Lerner, e o projeto de revitalização da orla, com a criação de um parque linear, desenvolvido pelo arquiteto Índio da Costa, contribuem para o processo de valorização.

2. ÍNDICES DE SEGURANÇA, EDUCAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA
Considerada pela ONU uma das melhores cidades do Brasil para viver, Balneário Camboriú tem altos índices de qualidade de vida e desenvolvimento humano. É também a cidade mais segura entre aquelas com até 500 mil habitantes. O município se tornou uma referência em bem-estar.

3. SUSTENTABILIDADE
Em ranking publicado pela revista *IstoÉ*, Balneário Camboriú figura entre as melhores cidades do Brasil, liderando a classificação de padrão de vida e sustentabilidade entre todas as cidades médias brasileiras. A cidade faz a lição de casa na área ambiental, o que impulsiona o turismo local.

4. TURISMO
A cidade vem crescendo e os investimentos em turismo e gastronomia acompanham a tendência, com novas atrações a cada temporada.





Orla de Balneário Camboriú. A região contará com projeto urbanístico assinado por Jaime Lerner, o que irá valorizar ainda mais os imóveis do município catarinense

5. ACESSO À MALHA VIÁRIA
A cidade tem em seu entorno quatro aeroportos, incluindo um privado, além de rodovias e do Porto de Itajaí. Todos esses modais possibilitam um maior fluxo de chegadas e partidas.

6. PROXIMIDADE COM O EIXO RIO-SP VIA TRANSPORTE AÉREO
A cidade está localizada a 1h30 de São Paulo por meio de deslocamento aéreo, o que potencializa negócios e também faz crescer o número de novas moradias.

7. CIDADE EM MEIO AO MAR E À MATA NATIVA
De acordo com o IBGE, Balneário Camboriú, de 46,8 km², é o segundo menor município do estado de Santa Catarina e um dos menores do país. Além disso, um relatório divulgado pela prefeitura da cidade indica que mais de 50% do seu território é coberto pela Mata Atlântica. Isso sem falar no mar e nas praias, o que torna os terrenos mais escassos e valorizados.

8. TECNOLOGIA CONSTRUTIVA
A cidade é palco de oito dos dez maiores arranha-céus do país, incluindo o One Tower. O projeto, da FG Empreendimentos, recebeu recentemente uma premiação em Singapura, a maior promoção do segmento, considerada o Oscar da construção civil.

9. LIQUIDEZ
Com os altos índices de valorização, os imóveis em Balneário Camboriú têm uma excelente liquidez. Caso necessite colocar o imóvel à venda, o investidor consegue fechar negócio em pouco tempo e obter ganhos substanciais.

10. RENTABILIDADE DO ALUGUEL
A cidade catarinense é um dos destinos turísticos mais procurados do Brasil. Está ao redor dos maiores PIBs do estado, os municípios de Joinville e Itajaí, e vem impulsionando o crescimento do mercado imobiliário de toda Santa Catarina. Com isso, Balneário Camboriú recebe empresários de diversos ramos, impulsionados por suas vantagens e também pela fácil conexão com o restante do país.



C6BANK

APRESENTA

FESTIVAIS

Festival encantado NA SUÉCIA

O Way Out Festival celebra grandes ícones da música, abre espaço para artistas novos e dá uma lição de sustentabilidade

POR LALAI PERSSON

Quando decidi me casar na Suécia, conciliei a data com a do Way Out West, um festival de música que acontece anualmente em Gotemburgo. No último mês de agosto, retornei à Suécia com o meu marido para festejar dez anos de casada no mesmo lugar.

Hoje em dia, a minha relação com os festivais de música é mais crítica. Eu invisto em festivais que são mais alinhados com os nossos tempos. Ou seja, mais sustentáveis, de carbono neutro, com boa oferta de comida vegetariana e vegana, *lineup* com mais artistas locais e equidade de gênero.

O WOW preenche todos os requisitos, por isso se mantém na minha lista de festivais favoritos. Acontece no idílico Parque Slottsskogen, o coração verde no centro de Gotemburgo, é 100% vegetariano desde 2012 e foi o primeiro festival do mundo a ganhar, dez anos atrás, o selo ISO 20121, uma norma criada para garantir eventos mais sustentáveis.

FOREVER YOUNG

Encontrei um festival que se mantém rejuvenescido sem deixar para trás o seu público mais antigo. O *lineup* é bem diverso, com artistas nacionais e internacionais atuais e os que marcaram época. Os destaques foram King Gizzard & The Lizard Wizard, Devo, Wizkid, Christine and The Queens, Blur, Tove Lo, Arlo Parks, Caroline Polachek, The Blessed Madonna, Aurora e Yo La Tengo.

Em Gotemburgo, na Suécia, o Way Out Festival é 100% vegetariano e certificado como evento sustentável







A conexão da Suécia com a natureza é percebida em cada canto do festival. Tudo é exuberante e bem planejado. Por ser um evento com acesso a menores de idade, o WOW tem áreas separadas para beber e fumar, tornando-o praticamente sem lixo, algo raro de ver.

A área VIP não dá acesso a lugares na frente do palco ou ao redor dele. É um *lounge* a céu aberto, afastado dos palcos, com restaurante, bar e um palco pequeno para shows intimistas. Fica de frente para um lago, onde espreguiçadeiras convidativas são posicionadas estrategicamente à beira da água. É uma área para relaxar do burburinho do festival, e sem ser ostensiva.

As ativações de marcas ficam numa área exclusiva só para elas, sem interferir nos palcos. Bem planejadas, elas promoviam experiências criativas, sempre concorridas. Para um festival que abraça o público de todas as idades, essa era uma ativação disputada. Já outra era um *skate park*, sempre lotado.

GRANDES ÍCONES, NOVOS ÍDOLOS

Chegamos ao WOW em uma quinta-feira ensolarada, no início da tarde, para ver o Devo, uma banda com 50 anos de estrada, que se mantém com a mesma energia das que estão começando. Na plateia, homens de meia-idade usavam o famoso chapéu vermelho retrô que virou um ícone da banda com a música *Whip It*. Quando surgiram os primeiros acordes dela, o grupo reapareceu no palco usando o chapéu e a felicidade correu solta à minha volta.



Acima, o público animado durante um dos shows. Na página ao lado, de cima para baixo, Aurora, Blur e Christine and the Queens estavam entre as atrações do festival

Apesar de o grupo ser a atração que eu mais esperava no primeiro dia, quem ganhou o meu coração foi a Tove Lo, que não estava no meu radar. Festivais de música são para isto: descobrir e se apaixonar por novos artistas. Quem também me conquistou foram os italianos Nu Genea, numa festa solar e lotada. Foi um dos ápices do festival.

O segundo dia foi do Blur, num show bem animado. Damon Albarn estava em ótima forma, pulando para cá e para lá. *Song 2*, *Girls & Boys* e *Parklife* estremeceram a segunda maior cidade da Suécia.

O WOW oferece uma experiência culinária excepcional, com um menu degustação vegetariano preparado por três chefs locais, cada um com o seu restaurante *pop-up* no meio da floresta e com a decoração saída do Pinterest. Tem também um bar de vinhos naturais e cervejas artesanais para agradar os paladares mais exigentes. Há áreas de comidas espalhadas por diferentes lugares, com um cardápio bem variado, de comida saudável a *fast-food*.

O festival recebeu 55 mil pessoas em 2023, em três dias. Além da programação diurna, ele contou com uma mostra de cinema e uma conferência sobre as mudanças climáticas. À noite, a programação vira o Stay Out West e se espalha por todos os palcos e bares da cidade.

Conversando com um casal de meia-idade, perguntei o que o levava ao festival. A resposta foi: "Fica no meio da cidade, é confortável e tem sempre bandas que queremos ver ao vivo".

A próxima edição acontece de 8 a 10 de agosto de 2024, em Gotemburgo, Suécia.
Mais infos: *wayoutwest.se*

Kia Niro Híbrido.

Inovação inspirada pela natureza.

O primeiro carro do Brasil que já vem com 160.000 km de emissões de CO^2 neutralizadas.

Emissões de CO_2 neutralizadas

até 160.000 km

com créditos gerados da Floresta Amazônica

Movement that inspires

Use a câmera do seu celular para conhecer o Kia Niro em detalhes.

Acabamentos internos com uso de material reciclado



Pintura com tinta à base de água



Revestimento dos bancos feito com fibras de folhas de eucalipto



Nós nos inspiramos na natureza para criar o inovador Kia Niro HEV. Um SUV híbrido com consumo eficiente de combustível que chega para estabelecer um novo padrão em sustentabilidade. Projetado com o cuidado na redução do impacto ambiental, desde o uso de materiais reciclados em seu interior até a escolha de tintas à base de água em sua pintura. E, para amplificar nossa iniciativa sustentável, todos os veículos Niro vendidos a partir de 01/09/23 até o final de 2023, terão suas emissões de CO^2 neutralizadas até 160.000 km através de créditos de carbono gerados da Floresta Amazônica. Saiba mais em **www.kia.com.br/niro**.

IBAMA PROCONVE HOMOLOGADO

No trânsito, escolha a vida!

5 ANOS DE GARANTIA OU 100.000 KM

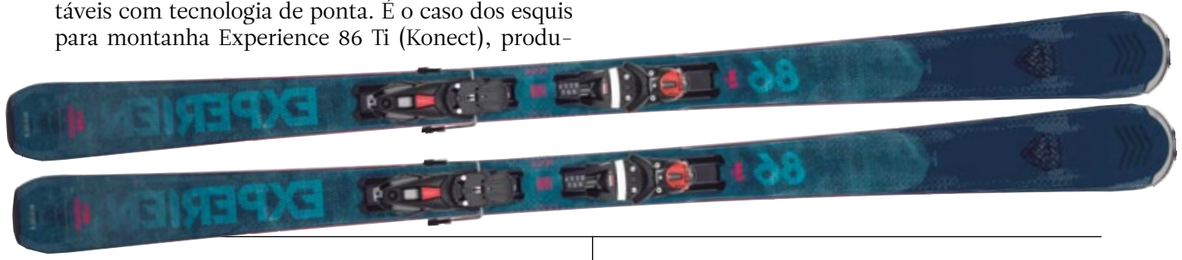
8 ANOS DE GARANTIA PARA BATERIA DE ALTA VOLTAGEM OU 160.000 KM

Na trilha da sustentabilidade

Decolando para um futuro mais verde com itens que transformam a experiência de viajar. Confira nossas descobertas de produtos e tendências ecoamigáveis

POR LUCIANA LANCELLOTTI

VELOZES E ECOLÓGICOS
Se seu equipamento de esqui ainda não é *eco-friendly*, que tal aproveitar o início da temporada no Hemisfério Norte para se tornar um esquiador consciente? A britânica Rossignol — uma das marcas de artigos e equipamentos para esportes de inverno mais conhecidas do mundo — investe significativamente em pesquisas e desenvolvimento de produtos sustentáveis com tecnologia de ponta. É o caso dos esquis para montanha Experience 86 Ti (Konect), produzidos com engenharia aprimorada e tecnologia CSS para melhor controle e resposta. As lâminas são reforçadas com titânio para reduzir o peso e maximizar a transferência de energia, e seu revestimento é feito com materiais recicláveis. Uma combinação bem-vinda de velocidade e sustentabilidade.
rossignol.com



AVENTURAS EM ALTA DEFINIÇÃO
A GoPro Hero 12 Black traz possibilidades criativas infinitas. O centro dessa maravilha tecnológica é uma lente ultra-ampla de alta definição, que pode gravar vídeos vibrantes em 5.3K. A estabilização HyperSmooth 4.0 melhora ainda mais sua capacidade de gravação, garantindo registros sem solavancos, independentemente de quão aventureiro seja o seu percurso. Escondido dentro de seu corpo compacto, 100% feito de recicláveis, está um foco obsessivo na sustentabilidade, refletido na embalagem e na vida útil do produto, tornando o modelo a escolha favorita para aventureiros com consciência ecológica.
gopro.com



OLHO VIVO
Pouco tempo de sono é quase garantia de olheiras. Situação absolutamente comum durante as viagens, seja após o trajeto de avião, seja ao acordar mais cedo (e dormir mais tarde) para aproveitar o destino ao máximo. O Balm de Olhos da Simple Organic promete reduzir olheiras, além de hidratar profundamente e melhorar a textura da pele em torno dos olhos, o que faz do produto uma alternativa ecológica não só durante viagens, como também no dia a dia. A fórmula é 100% natural, vegana e livre de água na composição. Indicado para todos os tipos de pele, o produto foi reconhecido com o Prêmio de Beleza Verde pela *Women's Health*.
simpleorganic.com.br





ESCANDINÁVIA NO ARMÁRIO
Dica para o viajante consciente que está de passagem pela Escandinávia: vale investir em uma peça da marca dinamarquesa Forét, que produz moda masculina atemporal e combina o conceito de *slow fashion* com sustentabilidade. Tudo parece estar em sintonia com a natureza, a começar pelos tons neutros terrosos das peças. A Amble Overshirt Army (foto) é produzida com algodão orgânico ripstop (resistente a rasgões e desgaste), tingido naturalmente de acordo com a regulamentação do Global Organic Textile Standard (Gots). O processo resulta em uma pátina única, impossível de replicar de forma idêntica.
foretstudio.dk

MEDITAÇÃO EM MOVIMENTO
Para praticantes de meditação que estão sempre na estrada: a almofada Ajna Wellbeing é compacta e fácil de transportar graças a uma bolsa inclusa, na mesma cor. A peça é recheada com cascas de trigo-sarraceno, que se moldam ao corpo e fornecem suporte ultra confortável, garantido, também, pelo revestimento de algodão orgânico. O resultado, de acordo com a marca, é o alinhamento ideal da coluna, a diminuição do estresse nas articulações e o alívio da tensão nos quadris e na região lombar.
ajnawellbeing.com





C6 CONTA GLOBAL
Um banco completo com conta em real, dólar e euro a um toque de distância, 24h, em qualquer lugar do mundo. Essa é a proposta da C6 Conta Global do C6 Bank. Uma conta internacional em dólar ou euro, com cartão de débito internacional que pode ser usado em qualquer país. Além disso, os clientes contam com câmbio 24 horas, podem comprar moeda com cotação comercial e menos tarifas, para fazer compras no exterior com praticidade e economia. Consulte o site para saber mais.
c6bank.com.br



48 HORAS

MILÃO INSÓLITA E COTIDIANA

Nem Duomo nem Galleria Vittorio Emanuelle II: eis um roteiro que revela o lifestyle *da capital da região da Lombardia*

POR LETICIA ROCHA

O dia começa com uma gorda (e perfumada) fatia de panetone. Não é tempo das festividades natalinas. Também não é a casa daquela tia que sabiamente sempre guarda o bolo de frutas para devorá-lo fora de época com um cafezinho coado.

Pelo contrário, bem longe da bucólica cena do interior do Brasil, o fato acontece em Milão. E cotidianamente: sim, o ícone do final do ano nasceu ali, por volta de 1495, e como tal até hoje é tratado como um filho ilustre e um item sagrado no café da manhã milanês, seja nas casas, seja nos bares. Nesses últimos, sempre acompanhado de uma grande xícara de cappuccino – o verdadeiro, italiano, feito só de leite e café.

ENTÃO, *BUONGIORNO*: o programa em questão pode começar no Panarello, uma confeitaria histórica, aberta em 1885 em Gênova, com seis endereços e ponto de encontro de quem vive na cidade. Uma vez ali, para fazer as vezes de *insider*, há outro *pop star* matutino: o brioche, um "primo" do *croissant* francês e um rival do *cornetto* romano. Paralelamente, vê-se mais um concorrente na vitrine (sempre doce, sim, pois, nessa hora do dia, é cultural) em que você deve pensar seriamente. É o *cannoncino*, uma iguaria de massa folhada e recheio







Em sentindo horário, o salão do Marchesi 1824, os flamingos da Villa Invernizzi e ambiente da Cantina Piemontesa. Na página ao lado, o Orto Botanico di Brera e brioche com café do Panarello

de creme, tido como o *cannolo* milanês. Dica: visite a unidade da Via della Moscova.

MINUTOS DE CONTEMPLAÇÃO: caso aceite o convite para o endereço acima, depois do mergulho gastronômico você terá pela frente uma *bella passeggiata* pelo fofo bairro de Brera. Em dez minutos, estará diante de mais uma parada inusitada, o Orto Botanico, que fica no quintal da Università degli Studi di Milano. Prepare-se para contemplar lindos canteiros verdes e floridos, em meio a gigantescas árvores e banquinhos de madeira de delicada beleza. Moradores do entorno são habitués, com livros e pets a tiracolo.

UM JARDIM PINK: a toada segue insólita e descortina mais um passeio surpreendente. Há flamingos no centro de Milão! Isso mesmo, e eles esbanjam a sua penugem rosa em um jardim de um prédio residencial, a Villa Invernizzi, cuja visitação é aberta ao público. Porém a localização já diz tudo sobre a aura que paira nesse pedacinho chamado Quadrilatero del Silenzio, nas redondezas da Porta Venezia. Conta-se que esses famosos habitantes foram trazidos por um rico produtor de queijos, Cavalier Invernizzi, a fim de contemplá-los diariamente, ao abrir as janelas de seu quarto.

COMER E BEBER: o tema volta, claro, porque, afinal, é o DNA do *lifestyle* italiano. E porque, a 1 km dali e próximo à rua LGBTQIAPN+, uma das novidades na rota etílica é o Dirty, um *cocktail bar* que se diz meio sujinho (daí o nome, mas tudo é bem limpinho e bem pensado por um estúdio de design) e ganha muitos pontos dos notívagos: fecha às 4 da manhã, ou seja, uma coisa rara em solo europeu. Aos que preferem o requinte gastronômico, no miolinho da mesma Porta Venezia e a dois passos do Duomo, porém longe da rota turística, a Cantina Piemontesa, fundada em 1908, reproduz o esplendor de Milão dos anos 1920, bastante art déco, com um menu que agrega os melhores fornecedores de queijos, carnes e embutidos, além de uma adega com vinhos de toda a Itália. Se a ideia for contemplar o *skyline* com uma cozinha de excelência, o My View, do *chef* Cristian Spagnoli, é o restaurante mais alto da cidade, ocupando o 20º andar do World Join Center e, obviamente, permitindo uma vista magnífica.

Se a pedida é sentir a aura de estar próximo ao Duomo, mas em grande estilo e sob o fascínio que impera na Galeria Vittorio Emanuelle II, o destino deve ser o Marchesi 1824, que, como o nome indica, foi fundado em tal data e é um símbolo de elegância e bem-servir.





BIBLIOTECA

O BRASIL EM LIVROS

É hora de valorizar a literatura nacional com toda a sua riqueza e diversidade

POR PEDRO PACÍFICO

Quando o assunto é viagem, você provavelmente já escutou alguém falando: o brasileiro sonha em conhecer os mais diferentes países, mas muitas vezes não lembra de se aventurar pelos destinos incríveis que nossa terra tem a oferecer. E a verdade é que quem diz isso tem um pouco de razão. A nossa tendência é, muitas vezes, valorizar o que está lá fora, como se fosse melhor do que o que temos ao nosso redor.

Confesso que, por muito tempo, eu também planejei as minhas viagens pensando em conhecer países inéditos e exóticos, sem perceber que o Brasil, com toda a sua grandeza e diversidade, ainda era um território pouco conhecido por mim. Visitei Alasca, Sidney, Cairo e Kigali antes mesmo de viajar para algumas das maravilhas que temos aqui, como Amazônia, Pantanal, Fernando de Noronha e Lençóis Maranhenses. Ter essa consciência foi importante para que eu começasse a mudar e acabar tendo experiências inesquecíveis.

A verdade é que essa lógica também se aplica quando o assunto é a literatura. Basta pegarmos as listas de livros mais vendidos no Brasil para concluir que ainda lemos poucas obras produzidas em nosso país, se compararmos com os autores estrangeiros. Embora a gente aprenda clássicos da literatura nacional na escola, a literatura contemporânea ainda é pouco lida. Por exemplo, se você pedir a pessoas à sua volta que indiquem cinco nomes de autores brasileiros da atualidade, tenho certeza de que a maioria não vai conseguir completar a lista. Nos últimos dois anos, tivemos alguns fenômenos que acabaram levando para o grande público belíssimas obras literárias, como *Torto Arado* e *Tudo É Rio*. É inegável que esse movimento vem dando luz a outros autores menos conhecidos. Mas, na minha opinião, ainda temos muito a melhorar.



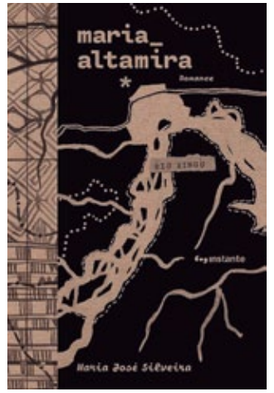
LITERATURA POTENTE

Se no assunto viagens eu demorei bastante para começar a valorizar mais as nossas belezas, com os livros eu já venho buscando ler autoras e autores brasileiros há um bom tempo. Para a minha felicidade, mas não surpresa, eu me deparei com obras incríveis, que revelam a potência da nossa literatura. Quando eu falo desse assunto, não posso deixar de mencionar a importância de lermos o Brasil por inteiro, sair das publicações limitadas apenas ao eixo São Paulo-Rio de Janeiro. O Brasil é imenso em sua diversidade e, da mesma forma, a nossa literatura é feita em todas as partes.



Por isso, e com o objetivo de ajudar você a tirar o atraso em relação à literatura brasileira e aproveitar o que vem sendo produzido, separei cinco dicas de livros escritos por autoras e autores de nosso país, cada um deles representando uma das cinco regiões. Está de malas prontas?

Para começar, saímos de cima e vamos descendo até chegar ao sul. Na Região Norte, escolho um livro escrito por um dos maiores nomes da nossa literatura contemporânea: Milton Hatoum. O escritor nasceu em Manaus e já recebeu diversos prêmios literários. A minha dica é *Dois Irmãos*, um romance profundo sobre os laços familiares e seus desgastes ao longo dos anos. A história é contada com base no ponto de vista de dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, nascidos numa família manauara de origem libanesa. Publicado em 2000, quando ganhou o Prêmio Jabuti de melhor romance, o livro continua fazendo sucesso e figura na lista de vários vestibulares.



Seguindo para o Nordeste, apresento a vocês uma autora cearense, nascida em Juazeiro do Norte. Jarid Arraes é conhecida por seus cordéis, mas recentemente publicou o seu primeiro romance, que vem fazendo bastante sucesso com os leitores. Em *Corpo Desfeito*, a autora narra a história de uma garota de 12 anos que mora com a sua avó. Amanda vive em um ambiente extremamente conturbado, sendo vítima de brutais abusos físicos e psicológicos. A pessoa que deveria protegê-la é, na verdade, quem mais lhe faz mal. Apesar de nos apresentar a vida de Amanda, Jarid denuncia a realidade de muitas crianças espalhadas em nosso país. Um livro muito dolorido.



A próxima parada é no Centro-Oeste, mais especificamente no estado de Goiás, município de Jaraguá, onde nasceu Maria José Silveira. Autora de vários romances, a minha dica é *Maria Altamira*, que desperta no leitor reflexões sobre temas muito atuais: os desastres naturais, a relação destrutiva do homem com o meio ambiente, a proteção dos povos originários e a desigualdade social em grandes centros urbanos. É nesse cenário que a escritora insere personagens bem construídos, que carregam dores individuais.

O nosso penúltimo destino é Minas Gerais, na Região Sudeste. Nascida em Belo Horizonte, Conceição Evaristo é pura potência e emoção. Sou apaixonado por suas obras e por sua sensibilidade. É difícil escolher apenas um de seus livros para indicar, mas dessa vez vou com *Canção para Ninar Menino Grande*. Nesse romance, somos apresentados à figura de Fio Jasmin, um personagem sedutor e marcante, pela perspectiva das mulheres com quem se relacionou. Ao construir essa história, a autora toca em temas importantes, como a masculinidade tóxica, o machismo e os estereótipos que envolvem o homem negro.

Por fim, chegamos à Região Sul. O cenário é Porto Alegre, cidade em que nasceu o autor José Falero. No genial *Os Supridores*, mergulhamos em uma comunidade da capital gaúcha, no supermercado de uma grande rede. Os personagens decidem seguir um plano arriscado para conseguir mudar de vida e sair do meio das estantes de mercadorias: vender maconha aos moradores da região. Com uma linguagem coloquial, Falero nos prende ao longo das páginas, ao mesmo tempo que retrata uma sociedade desiludida.



Espero que você tenha gostado dessa viagem literária e tenha terminado a experiência com a certeza da riqueza e diversidade das obras sendo atualmente escritas por brasileiras e brasileiros. Boas leituras e nunca pare de viajar!

BRASIL

NO CORAÇÃO DO BRASIL

O PULSAR DE UMA ALDEIA NA AMAZÔNIA

Muito mais do que uma viagem: a experiência fascinante do ritual do Jawari e de vivenciar o dia a dia de uma comunidade originária do povo Kuikuro, no Território Indígena do Xingu, a primeira terra indígena demarcada no Brasil

TEXTO LUCIOLA ZVARICK
FOTOS LUCIOLA ZVARICK E RENATO SOARES



O espelho d'água do paradisíaco Rio Buriti reflete de forma potente a exuberência natural da região



Era fim de tarde. A imagem da terra vermelha, suspensa pelo pisado da dança ritual de mulheres e homens seminus, majestosos, foi como uma saudação de chegada. Primeiro enfileirados, depois em um grande círculo, com as sombras dos corpos projetadas no pátio central da aldeia Ipatsé, a maior entre as comunidades do povo Kuikuro.

O ritual do Jawari, também conhecido como Festa da Guerra e da Paz, é um evento complexo, dedicado aos guerreiros mortos já homenageados pelo Kuarup (a principal cerimônia fúnebre do Xingu), e tem como característica a disputa de arremesso de dardos entre dois grupos antagônicos. A dinâmica consiste em insultos brincalhões, de lado a lado, tendo como o alvo dos dardos um boneco de palha, no centro do pátio. Os donos do Jawari geralmente convidam "os parentes" de outra aldeia para participar. Uma oportunidade ritualística para resolver antigas mágoas e celebrar a paz! Este ano, os Kamayurá da aldeia Ipavu foram os convidados para a cerimônia, realizada no final de junho.

A celebração do Jawari é permeada ainda por um conjunto fantástico de cânticos, entoados durante toda a madrugada. Homens e mulheres entram de oca em oca, dançando e batendo os pés de forma ritmada, regidos por um cantar gutural, em tons graves. A artista plástica paulistana Eide Feldon, que visitou o Xingu pela primeira vez, ficou impactada. "Foi muito especial estar dormindo em minha rede e perceber a aproximação das vozes. E, quando entraram na oca, parecia que entrava a floresta toda."

Esse estado de encantamento também bateu forte no fotógrafo holandês Johan Gerrits. "Fiquei sem dormir, meio que hipnotizado, principalmente com a voz baixa das mulheres. Algo incrível, que nunca vou esquecer."

Os relatos de Eide e Johan dão um pouco a dimensão da potência desse ritual, um dos chamarizes que os levaram ao Xingu. Os dois fizeram parte da Expedição Kuikuro Jawari 2023, sob a orientação do fotógrafo e indigenista Renato Soares. Autor do livro *Yawalapíti*, Soares registra, há quase quatro décadas, a vida e a cultura dos povos originários. Uma vez ao ano e sempre com a anuência das comunidades, ele organiza viagens para levar grupos de interessados em conhecer o cotidiano nas aldeias, que recebem parte da renda obtida. "É uma forma de valorizar a cultura e trazer recursos diretos e indiretos com a venda de artesanato, além de gerar um impacto positivo entre os moradores", destaca Soares.





Acima, menina indígena se banha no Rio Buriti e mulheres da aldeia Ipatsé fazem cestos e esteiras com fibras. Na página ao lado, pintura corporal masculina da sucuri, feita com jenipapo, tabatinga e urucum



Mutirão trabalha na cobertura de casa com fibra de sapé. Na página ao lado, homens e menina usam pintura corporal e ornamentos tradicionais

A LOGÍSTICA: DESAFIOS E NOVAS PAISAGENS

Para chegar à aldeia Ipatsé, foram necessários dois dias de viagem, a partir de Goiânia. Os participantes pernoitaram em um hotel e seguiram no dia seguinte para Canarana (MT). Depois foram 700 km e nove horas em um micro-ônibus, passando por áreas de cerrado, de onde se pode avistar os chapadões da Serra do Roncador e grandes extensões agrícolas.

A etapa final, de Canarana à reserva indígena, exige mais 300 km, percorridos em veículos 4x4, em estrada de terra na maior parte das cinco horas de viagem. Foi uma semana de convívio real na aldeia, do total de dez dias de expedição.

NA REDE, DENTRO DA OCA

A aldeia Ipatsé é a maior entre as sete comunidades do povo Kuikuro. São aproximadamente 300 moradores, distribuídos em 32 ocas, dispostas lado a lado, formando um grande círculo em torno de um pátio de chão batido. Grupos de duas ou três pessoas se hospedaram nessas casas, dormindo em redes, juntamente com os núcleos familiares, com os quais puderam interagir. A maioria fala razoavelmente o português, além do idioma nativo. Dormir em rede é quase sempre um desafio, mas logo o corpo se acostuma e agradece o conforto.

De base ovalada, as ocas são estruturadas com troncos de diferentes árvores e cobertas com sapé e têm apenas duas portas, uma que dá para o pátio central e outra como saída para o quintal. Uma construção considerada de grande complexidade arquitetônica.

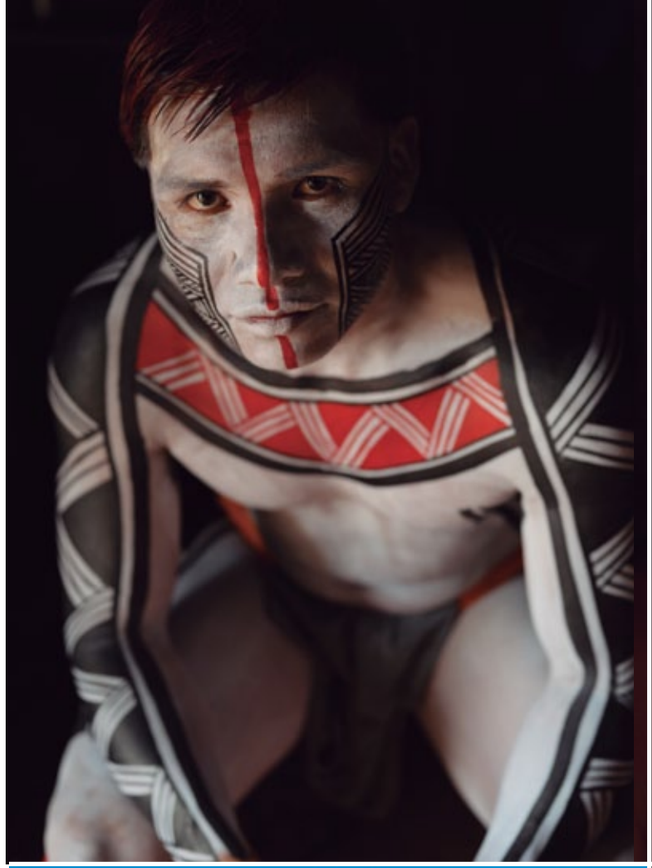
O POVO KUIKURO

Falantes de uma língua do tronco karib, os Kuikuro são o povo com a maior população da reserva, aproximadamente 900 pessoas, espalhadas por sete aldeias. São conhecidos pelas belas cestarias, feitas com a fibra do buriti, e pelos imponentes colares de caramujo, os *inhu aketühügü* (caramujo cortado), na língua nativa. Esses colares, considerados a "joia do Xingu", são usados como moeda para trocas e pagamentos por serviços rituais e do pajé.

Cortada de norte a sul pelo Rio Xingu, a reserva tem uma área de 2,6 milhões de hectares, na região nordeste de Mato Grosso, em uma zona de transição ecológica de cerrados, campos e florestas. No Território Indígena do Xingu, demarcado em 1961 como "parque", vivem entre 7 mil e 8 mil pessoas, falantes de quatro diferentes troncos linguísticos e distribuídas em mais de 100 aldeias, de 16 etnias. Em sua porção sul, na área cultural conhecida como Alto Xingu, é onde vivem os Kuikuro.

O PEIXE E O BEIJU

Os dias foram intensos de beleza, pontuados por sorrisos e gentilezas, com os anfitriões sempre dispostos para conversas sobre as tradições culturais. Tempo para observar a incrível força das mulheres













para o trabalho. Elas produzem um delicado artesanato com miçangas e cestarias com fibras de buriti, e também são responsáveis pelo longo processo manual para obter o polvilho, derivado da brasileiríssima mandioca. Com o polvilho, preparam os beijus, feitos em grandes chapas aquecidas.

Juntamente com o beiju, o peixe faz parte da base da alimentação tradicional no Alto Xingu. Diferentes pescados são retirados com fartura de rios e lagoas. Todos preparados à moda xinguana: eviscerados e assados na brasa, sem sal ou outro tempero.

A PINTURA CORPORAL

O negro do jenipapo e o vermelho do urucum são as cores mais marcantes usadas no grafismo xinguano. As pinturas vestem os corpos de homens e mulheres como trajes de gala e indicam a identidade cultural de cada povo.

São geralmente feitas por um parente próximo, na semiescuridão da oca, onde se preparam aqueles que vão participar dos rituais. A arte da pintura corporal é desenvolvida desde muito cedo entre os indígenas.

A economista dinamarquesa Dorte Verner, que já viajou por mais de 170 países, afirmou que tem muito a aprender com os povos da floresta. "Além das cerimônias incríveis, da hospitalidade e da gentileza das pessoas, o que realmente me impressiona é como elas são capazes de proteger sua cultura de todas as pressões externas, incluindo desmatamento e mudanças climáticas."

AH, O RIO BURITI

Os dias foram todos de muito calor, por volta de 35 °C. Depois de uma sessão de fotos no pátio da aldeia, o torpor provocado só seria aliviado com um banho refrescante no idílico Rio Buriti, alcançado após uma caminhada de 20 minutos por uma trilha na mata. De águas calmas e transparentes, o rio guarda imensos buritizais, que emolduram suas margens. É onde crianças, mulheres e homens da comunidade vão brincar, banhar, lavar roupa, pescar, viver.

Como um sonho, o rio faz parte das melhores lembranças dessa expedição à apaixonante aldeia Ipatsé, do valente e alegre povo Kuikuro, do fabuloso Território Indígena do Xingu.

EM TEMPO

Com o repasse de recursos feitos pela expedição, a associação Ipatsé Kuikuro completou o valor para comprar um caminhão para a comunidade. Em setembro de 2024, está prevista uma nova jornada ao Xingu para conhecer o ritual feminino de Yamurikumã, a Festa das Mulheres.

Acima, criança brinca enquanto a mãe lava roupa no Rio Buriti. Na página ao lado, dentro da oca, meninas observam a chegada dos participantes do ritual do Jawari



CULTURA

ENTRE VULCÕES, MOAIS E RAPA NUIS: UMA VISITA À

ILHA DE PÁSCOA

A Ilha de Páscoa é morada de paisagens de tirar o fôlego e de uma riqueza cultural e histórica original – diferente de tudo o que existe no continente

POR FRANCISCO BOSCO

A cratera do Vulcão Rano Kau, que tem 2,5 milhões de anos

Paul Bowles certa vez definiu turistas e viajantes. Os turistas saem e retornam com datas marcadas. Para eles, uma viagem é apenas uma suspensão provisória da ordem cotidiana. Os viajantes, entretanto, partem sem estabelecer um roteiro certo, nem um retorno certo, seja para sua casa, seja para sua própria vida. Hoje, em pleno século XXI, de globalização quase total e mentalidade existencial conservadora, é muito difícil ser um viajante. Mas algo dessa experiência sempre pode nos acontecer numa viagem turística. Basta que alguma coisa saia do controle.

Já estávamos, minha companheira, Ana, e eu, havia cinco dias na Ilha de Páscoa, quando decidimos subir o Vulcão Terevaka sozinhos, sem o guia. O Terevaka é o mais alto entre os cerca de 170 vulcões que formam a ilha. Sua cratera fica mais de 500 m acima do nível do mar. A princípio, não haveria dificuldades, pois o trajeto até a cratera é de 4 km, e a trilha, nítida. Começamos a subida em ritmo de passeio.

Quando tínhamos andado 2 km, a trilha desembocou num portão, rodeado por uma cerca com arame farpado. Era uma propriedade privada. Talvez fosse aquele mesmo o caminho, mas preferimos não arriscar. A alternativa era seguir à esquerda, onde também havia uma trilha. Esse caminho parecia nos desviar





Acima, cavalgadas para explorar a ilha. Na página ao lado, os impressionantes moais do Parque Nacional Rapa Nui e passeio de quadriciclo com vistas deslumbrantes do mar e de vulcões



da direção original e, percorridos uns dez minutos nele, de fato começava a conduzir para baixo. A essa altura, uma neblina cerrada cobria a paisagem. Não discerníamos nada. Não havia um ponto para onde mirar, um pico que pudesse nos orientar. E não havia vivalma na trilha. Estávamos sozinhos. Ficamos alguns minutos desorientados e aturdidos, sem conseguir tomar uma decisão. Nesse exato momento, como um *deus ex-machina* da era digital, o celular da Ana tocou, do nada e no meio do nada.

"Você tá com internet aqui?", perguntei. Ela ativou o *roaming* e, para meu espanto (pois o 4G funciona mal na ilha), estava. Salvos pela tecnologia: o mapa nos mostrou o caminho e nos guiou através da neblina. Quase chegando ao objetivo, entrevemos algumas formas na orla do Terevaka. Eram cavalos. Uns 15. Lindos, imponentes, mas também um pouco intimidadores, naquele cenário de filme de suspense. Hesitei, mas avançamos. Em poucos minutos, estávamos dentro da cratera do jovem vulcão de 300 mil anos. No meio da cratera, nasceu uma solitária e poética árvore, na qual me recostei e contemplei a mística paisagem. As coisas dão mais certo quando algo dá errado.

TRIÂNGULO DE VULCÕES

O Terevaka é um dos vértices de um triângulo de erupções vulcânicas que deram origem à Ilha de Páscoa (ou Te Pito Te Henua, em Rapa Nui, o idioma original dos nativos). No outro vértice está o Poike, um complexo vulcânico de 3 milhões de anos. A caminhada pelo Poike é deslumbrante, com vista para boa parte da ilha. Por fim, o terceiro vértice do triângulo é o Rano Kau, de 2,5 milhões de anos. Sua cratera tem mais de 1 km e se abre para o mar, compondo talvez a paisagem mais impactante entre as tantas paisagens impactantes da ilha. No entorno do Rano Kau, os antigos Rapa Nuis estabeleceram a comunidade de Orongo, com casas feitas de rocha vulcânica. Era de lá que partiam os valorosos polinésios que participavam da competição do homem-pássaro.

Aqui passamos da dimensão geológica para a histórico-cultural. Para chegar ao homem-pássaro, tenho que contar um pouco da história da ilha.

Em algum momento entre os séculos VIII e XII, polinésios habitantes de uma ilha então chamada de Hiva saíram em busca de uma nova terra, porque o nível do mar começou a subir e ameaçava sua existência. Ao se estabelecerem na nova ilha, trouxeram consigo a ordem social de Hiva, rigidamente estratificada.

O período que vai do século XII ao XV é marcado pela produção das monumentais esculturas de rocha vulcânica, chamadas de moais, que passaram a simbolizar a Ilha de Páscoa em todo o mundo desde que foram descobertas por ocidentais, no século XVIII. Os moais eram esculpidos na cratera do Rano Raraku (Rano significa "vulcão"), onde ainda hoje é possível vê-los, tal como foram preparados pelos antigos Rapa Nuis para serem transportados aos Ahu, as plataformas sobre as quais eram colocados. Há ainda hoje cerca de 400 moais na área. Em frente ao vulcão, na beira do mar, assoma o Ahu Tongariki, o mais imponente entre todos os conjuntos de moais.

Os moais foram construídos como uma homenagem aos Ariki (reis) e outras figuras conspícuas da antiga aristocracia Rapa Nui. A eles era atribuída a função de proteger os habitantes locais. Entretanto, o modo como transportavam as esculturas gigantescas, desde o vulcão onde eram esculpidas até diversos pontos da ilha, a alguns quilômetros







A imponência dos moais, a cultura Rapa Nui e a beleza deslumbrante da ilha resistiram ao tempo

de distância, permanece um enigma, que fez correr muita tinta especulativa e até esotérica.

DESAFIOS SOB OS MOAIS

Os séculos que se seguem a esse apogeu da cultura megalítica dos Rapa Nuis são marcados por guerras civis, em que as classes sociais dos guerreiros e as inferiores atacaram a aristocracia, na disputa por recursos e poder. Ao longo das guerras, os moais, um grande símbolo da realeza, foram tombados e destruídos.

No século XIX, emergiu a competição-culto do homem-pássaro como uma forma de mediar o conflito entre as classes. Doravante, cada clã da ilha escolheria um representante para a competição. O vencedor era consagrado e detinha o poder sobre as demais tribos até a próxima disputa. E esta é uma das mais árduas já inventadas: descer um penhasco de 300 m, lançar-se ao mar, enfrentar correntezas e tubarões por 1,5 km e chegar a uma ilhota escarpada. Lá, esperar semanas até que um pássaro colocasse seu ovo num ninho. Aí pegar o ovo e trazê-lo ileso até o alto do penhasco.

O período do culto ao homem-pássaro marca o fim da cultura tradicional Rapa Nui. A partir de meados do século XIX, a ilha sofre sucessivas invasões e tentativas de escravização de seus habitantes, de colonização e de exploração do povo e suas terras. A população, que chegou a 15 mil habitantes, é reduzida a pouco mais de uma centena, em consequência de ataques e de doenças trazidas por estrangeiros.

Apesar desses acontecimentos, os habitantes da ilha e sua cultura, bem como a imponência dos moais e a beleza deslumbrante das paisagens, resistiram e voltaram a florescer. Os moais foram restaurados e encantam pessoas do mundo inteiro. Os habitantes da ilha, sobre os quais pesam conflitos de terra e outras disputas e dificuldades, parecem viver dignamente.

HANGAROA

O "centro" da ilha é o bairro de Hanga Roa, onde mora a grande maioria das pessoas e se encontram o comércio local, as atividades culturais, a igreja, os prédios administrativos e um campo de futebol, inaugurado por ninguém menos que Pelé. Recomendo fortemente uma ida à missa, pois o catolicismo dos Rapa Nuis é sincrético, com uma iconografia singular e hinos cantados em sua língua, com violão e tambores dentro da igreja. Vale muito também uma visita ao balé cultural Kari Kari. As mulheres dançam com movimentos típicos da

Acima, tartarugas podem ser avistadas durante mergulhos. Na página ao lado, um competidor local rema e crianças dançam durante a festa Tapati Rapa Nui, tradição cultural da ilha













Em sentido horário, a fachada, uma das suítes e o bar do hotel Magnolia, em Santiago

Acima, em sentido horário, coquetéis à beira da piscina, a gastronomia requintada e a arquitetura do Nayara Hangaroa

Polinésia, que remetem às danças havaianas. E os homens performam a Haka, uma dança de guerra *sui generis*, conhecida dos amantes dos esportes por meio da seleção neozelandesa de rúgbi.

Recomendo com igual ênfase a estadia no hotel Nayara Hangaroa, cuja arquitetura é tão integrada ao ambiente que não se consegue distingui-lo ao longe. Nele, a comida, deliciosa, apoia os agricultores e pescadores locais. Os quartos são inspirados nas cavernas da ilha, com sua escuridão profunda, o que me deu as melhores noites de sono em muitos anos. Como se tudo isso não bastasse, o staff é de uma gentileza ímpar, e você ainda pode se deparar com magníficos cavalos passeando livremente na sua varanda ao amanhecer.

Last, but not least: já que você deverá passar por Santiago, o hotel Magnolia é uma excelente opção, uma pequena joia, com todos os espaços pensados com o delicado rigor de um jardim japonês. De lá, é só se lançar ao Pacífico e passar uma inesquecível estadia entre vulcões, moais e Rapa Nuis. *Mauru'uru!*

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*





ARTE

A ARTE QUE TRANSFORMA

Desde 2015, a antiga usina de açúcar Santa Terezinha abriu espaço para um parque artístico, botânico e educativo, que levou a uma nova forma de ocupação ambiental, econômica e cultural na Zona da Mata, em Pernambuco

POR MARC POTTIER
FOTOS ANDRÉA RÊGO BARROS



A Usina de Arte, uma antiga usina de cana-de-açúcar, convida, antes de tudo, a entender a importância desse projeto, de Bruna e Ricardo Pessôa de Queiroz, pensado para a comunidade de Santa Terezinha. Trata-se de um projeto cultural que tem como objetivo integrar a memória do lugar e a história do Nordeste. Aqui pontes devem ser criadas entre os moradores da comunidade, os vizinhos da região, o público e o mundo das artes, pois a educação é parte fundamental do programa. Hoje com mais de 40 obras instaladas, os envolvidos têm a responsabilidade de fazer da Usina uma referência em arte no espaço público. A ideia de convidar artistas nacionais e estrangeiros tem como objetivo apresentar uma região apaixonante e inspiradora, a ser transposta em suas obras. A presidente da Usina de Arte, Bruna Pessôa de Queiroz, é uma personalidade jovem, mãe de três crianças, de 5 a 10 anos de idade, que adora receber os amantes da arte e todos os interessados em tudo o que diz respeito à cultura. Ela trabalha em parceria com o seu primo e marido, Ricardo (que nas horas vagas também é artista), cujos antepassados criaram a usina de cana-de-açúcar, que começou a operar em 1929. Para o casal, a arte e a cultura são como uma segunda pele, e ele, antes de mais nada, tem um senso de responsabilidade e cuidado com a comunidade, que ficou desprotegida após o fechamento da usina.

NOVO CICLO

O projeto Usina de Arte é um símbolo de renovação, um incrível ato de resistência à resignação do passado, que deu novas perspectivas a essa antiga usina, cujas atividades cessaram em 1998. Nos anos 1950, ela era a maior produtora de álcool e açúcar do país. Localizada no município de Água Preta, na Zona da Mata Sul de Pernambuco, ela fica próxima da fronteira com o estado de Alagoas. Ela possuía uma ferrovia própria, com cerca de 100 km de linha, 21 locomotivas (uma ainda exposta no parque) e mais de 100 vagões, utilizados para o transporte de cana-de-açúcar, açúcar e álcool. Atingida por uma grave crise, teve que fechar. Quase duas décadas depois, esse triste cenário de falência dá lugar a uma paisagem artística tão efervescente quanto emocionante. O lugar abriga hoje, além da coleção de obras de arte ao ar livre, um parque privilegiado em botânica.

Foram também iniciados os trabalhos de reflorestamento e recuperação de habitats silvestres da região, com o objetivo de reverter o desgaste sofrido por décadas de uso do solo com a monocultura da cana-de-açúcar. O parque botânico, que possui cerca de 5 mil espécies distintas, está parcialmente no lugar da antiga pista de pouso da usina, e onde foram criados vários espelhos d'água para dialogar com a paisagem. Não é apenas um jardim de esculturas, mas um espaço de vivências e interações, que conta ainda com um festival anual de música, cinema, oficinas e um programa educacional para os alunos das escolas locais.

Todos os artistas admiram o projeto, como é o caso da Regina Silveira. "Tanto quanto aprecio a coleção e sua abrangência nacional e internacional, admiro o trabalho educativo de resgate da comunidade ao redor da velha usina: uma boa escola de música, uma oficina competente de fabricação digital, uma biblioteca ativa e muitos serviços, que agora dão nova vida à pequena cidade de Água Preta", diz ela.

LIBERDADE CRIATIVA

O projeto é fruto de uma paixão familiar, que fez Bruna e Ricardo mergulharem de novo na arte contemporânea. Ali nada foi definido com antecedência. Tudo continua em aberto e os (bons) encontros ditaram os primeiros passos do lugar, que em poucos anos conseguiu reunir cerca de 40 obras, a maioria delas produzida no local. Não existem preconceitos e, justamente por isso, a usina dá possibilidade a projetos inusitados. Na Usina de Arte, há espaço para a experimentação, e sem limite de tempo. Além disso, não há problema em não produzir uma proposta de imediato devido a quaisquer dificuldades ou se o resultado for uma obra efêmera, como uma performance. O que importa é o diálogo. Mesmo que os artistas convidados tenham total liberdade criativa, a cultura sucroalcooleira acaba por permear grande parte das reflexões e dos questionamentos oferecidos por seus trabalhos. Muitas obras remetem aos ciclos, métodos de trabalho, máquinas, vocabulário e arquitetura da indústria canavieira.

UMA CONVERSA VISUAL AO AR LIVRE

A artista Claudia Jaguaribe, cujas obras foram inauguradas recentemente, confidencia: "Criar um conjunto de obras para a Usina de Arte foi uma experiência única. Por ser um parque e um museu a céu aberto, fui levada para um novo desafio na minha produção. A dimensão do parque e o significado da reutilização da usina como área cultural cria-

Ao lado, a obra *Conversadeiras*, da artista Claudia Jaguaribe. Na página ao lado, vista panorâmica do Jardim Botânico com a Usina ao fundo



A instalação *Paisagem*, de Regina Silveira, é um labirinto formado por 59 vidros marcados por tiros





Acima, a obra *Diva*, de Juliana Notari, cuja representação é um "buraco-escultura" de 33 m de comprimento. Na página ao lado, o *Banco*, de Hugo França

ram um novo polo, que reúne arte, educação e preservação do meio ambiente cultural para todo o Nordeste. Fazer parte dessa história e contribuir com quatro conjuntos de obras me possibilitou realizar as *Conversadeiras"*.

Não há pavilhões, apenas obras que interagem com o meio ambiente e estão espalhadas pelos 40 hectares do local. Mesmo que haja pequenos carrinhos, puxados por uma moto de quatro rodas, para levar os visitantes pelo parque, é preferível, se possível, fazer a incursão em dois dias de passeios exploratórios. Bruna e Ricardo gostam da ideia de que as pessoas vivenciem pelo menos um pôr do sol por lá. Faz parte da experiência.

A Usina de Arte é um símbolo de renovação, um ato de resistência à resignação do passado

O ESPÍRITO DO PROJETO, SEMPRE FLEXÍVEL

O programa de residências, criado em 2013, é muito aberto. Ele não tem regras definidas e os artistas podem ficar o tempo que quiserem: semanas, meses ou até um ano inteiro, como foi o caso de Juliana Notari. Esse programa foi o ponto de partida para a criação da Usina de Arte. As primeiras obras foram do designer Hugo França, com as suas esculturas-bancos, realizadas com troncos de árvores condenadas. O projeto foi formalmente estruturado em 2015, após Bruna e Ricardo conhecerem o artista plástico José Rufino, com quem compartilham uma paixão pelas plantas. Rufino foi, inclusive, diretor artístico do espaço até 2019.

UM PROJETO SEM TIMIDEZ

Entre os destaques está a incrível audácia da chocante e avassaladora (no bom sentido das palavras) obra *Diva*, da artista Juliana Notari. Isso define o ritmo para um projeto dinâmico, ousado e generoso. *Diva* é uma escultura de concreto de 33 m de comprimento, 16 de largura e 6 de profundidade, pintada com uma resina vermelho-fogo, colocada na encosta de uma colina suave, que torna a obra visível a grande distância. Ela parece ser a vulva de uma mulher. A obra destaca questões relacionadas à poesia da artista, que desde 2003 tem se voltado para a anatomia feminina e busca suscitar debates em torno dos tabus sexuais impostos às mulheres. Mas as possibilidades de interpretação da obra também se abrem para outros campos, como a exploração da terra pelo capitalismo.

Nenhum trabalho é decorativo ou anedótico na coleção. Eles foram pensados em larga escala, em sua maioria *in loco*, sem medo de abordar temas como as heranças africana e indígena e as questões relacionadas à escravidão e à pobreza, encontradas no Nordeste. As questões políticas estão muito presentes nessa coleção original. Regina Silveira, autora da obra *Paisagem*, que foi apresentada na última Bienal de São Paulo pouco antes de ser instalada na Usina, não hesita em falar sobre a violência que pode ser encontrada no Brasil. Bené Fonteles abordou a cultura africana trazida pelos trabalhadores forçados. Flavio Cerqueira nos dá a sua interpretação dos bandeirantes, e Paulo Bruscky, sua crítica às elites. Matheus Rocha Pitta, com seu "campo da fome", fala sobre a história do Nordeste. Na Usina, tudo tem um sentido, que não deixa ninguém indiferente.

HORA DE FUTURAS GRANDES MUDANÇAS

A Usina está em processo de mudança. Assim, vislumbra-se a futura restauração de seus prédios. O grande arquiteto japonês Tsuyoshi Tane (em parceria com a Japan House de São Paulo) foi convidado a criar a "urbanização geral" do projeto. Por hora, a Usina é





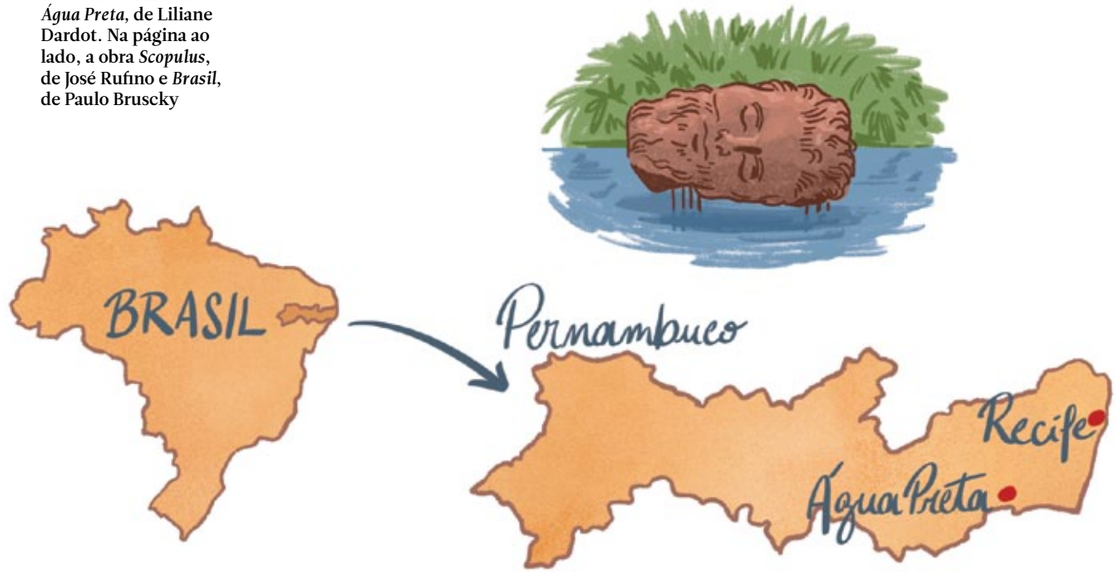
gratuita para todos, mas isso deve mudar em breve, com a cobrança de entrada para o público, salvo para a comunidade local, que permanecerá tendo acesso irrestrito. “É de nossa natureza pensar em formas de produzir arte pelos pilares da inclusão, participação e modificação da realidade social e econômica. Esperamos cada vez mais colher os frutos do que temos semeado ao longo dessa trajetória, que está sempre em atividade, avançando e reunindo condições para que cada um que mora no entorno da Usina de Arte possa sonhar mais alto, acreditar e realizar seus quereres”, diz Bruna.

“A arte transforma” é o lema de Ricardo. “A Usina de Arte é uma possibilidade real de mudança de vida e cenários. Não somos só museu, mas uma instituição parceira da sociedade, que cria estruturas para a geração de renda e valor para mais de 6 mil pessoas. Ao iniciarmos a Usina de Arte, tínhamos em mente que era preciso sair de um modelo centralizador, no qual a Usina provia o sustento de todas as famílias, e partir para uma ideia em que cada um desenvolvesse a sua própria usina de acordo com as suas habilidades”, completa ele.

usinadearte.org



Acima, a instalação *Cabanos em Mata de Água Preta*, de Liliane Dardot. Na página ao lado, a obra *Scopulus*, de José Rufino e *Brasil*, de Paulo Bruscky



O CAÇADOR DE ONDAS

Da Califórnia ao Chile, uma viagem inesquecível e um giro pelos sete melhores points de surfe da América Latina

TEXTO E FOTOS POR ADRIAN KOJIN

A primeira vez que surfei no México foi em 1981. Lá se vão 42 anos. Eu tinha 18 anos e estava morando sozinho na Califórnia. Meu melhor amigo no Brasil, Rodrigo, veio me visitar, e saímos explorando a costa. Íamos os dois na minha moto, ele na garupa, carregando as pranchas com muita dificuldade debaixo dos braços. Quando chegamos a San Diego, decidimos cruzar a fronteira e dar uma esticada até Baja Califórnia, já adentrando o território mexicano. Acampados numa praia deserta por vários dias, esperamos por uma ondulação que demorou a chegar.

As latas de sardinha já haviam acabado e nos restavam apenas meio pacote de macarrão e algumas bolachas, quando fomos despertados pelo barulho do mar enfurecido, chocando-se contra as pedras. Surfamos aquelas ondas de sonho por horas a fio, não nos importando com a temperatura gelada da água, a fome e a sede. Não dispúnhamos das necessárias roupas de borracha, mas éramos jovens e invencíveis.

Naquele tempo, eu nem imaginava para que caminhos o destino me levaria, mas acabou acontecendo que, muito devido àquela aventura maluca, viajar em busca de ondas se tornou uma obsessão – que, por sorte, pude transformar também numa fonte de renda. Posso dizer que fiz disso a minha profissão.

Em 1987, também de moto, eu novamente parti da Califórnia rumo ao sul, só que dessa vez sozinho – à parte minha prancha, que levei na garupa. Após oito meses, 25 mil quilômetros rodados e 14 países cruzados, cheguei ao Brasil. Várias matérias e um livro, *Alma Panamericana*, foram o resultado. Bem mais recentemente, resolvi que, 35 anos depois, havia chegado a hora de refazer esse trajeto. Em agosto de 2022, acelerei pela mesma rota, agora a bordo de uma minivan, com quatro pranchas na capota e uma bicicleta elétrica no rack traseiro. Dessa vez, a ideia foi captar material para fazer um documentário, que está com a sua edição em andamento.

Escolhi sete ondas para recomendar nesta matéria. Sendo sete o número da espiritualidade que tanto busco quando surfo. Claro que deixei de fora vários lugares que mereciam figurar na lista. Tem muita onda boa para ser surfada nesse roteiro, mas acredito que o mais importante não é dizer ao leitor onde ele deve ir, e sim despertar nele a vontade de partir.

PUERTO ESCONDIDO **México**

Num dia de ondas grandes na Praia de Zicatela, em Puerto Escondido, você não precisa entrar no mar para sentir seu coração querendo sair pela boca. Só de observar os tubos gigantescos sendo desafiados por verdadeiros camicases sobre pranchas já é o suficiente para que os batimentos cardíacos disparem. Aliás, pense bem antes de entrar na água se não estiver no melhor do seu preparo físico e técnico. Os acidentes graves, fatais inclusive, são comuns, tamanha a violência das ondas. O certo é começar devagar e ir se adaptando à verticalidade das paredes de água e à velocidade com que quebram. A cada dia, você irá se sentir mais à vontade até estar apto a tentar a sorte num dos tubos, em que uma imagem sua será um troféu a ser guardado para o resto da vida.

Hoje Puerto Escondido é um destino badalado, com bons hotéis, gastronomia de primeira e muitas opções de diversão

PUNTA MANGO El Salvador

O atual governo de El Salvador está investindo forte para tornar o país um dos principais destinos para surfistas do mundo todo. Os ativos mais importantes para esse ambicioso plano de marketing, batizado de Surf City, são suas ondas espetaculares. A mais conhecida é La Libertad, que fica na cidade portuária de mesmo nome, a meia hora do aeroporto internacional. Porém a que ganhou maior fama nos últimos anos é Punta Mango. Localizada quatro horas de carro mais ao sul, fica numa zona rural repleta de belas praias, que nos tempos da guerra civil não podiam ser acessadas. Por essa razão, ainda mantém um sedutor charme selvagem, que não deve durar muito. Com a qualidade das ondas de Punta Mango, e de outras praias vizinhas, como Las Flores, atraindo um número cada vez maior de investidores, um *boom* imobiliário e turístico está em andamento. Vá antes que seja tarde.

Ao lado, amanhecer em Punta Mango. Abaixo, placa indica a vocação maior da região: o surfe





PLAYA COLORADO **Nicarágua**

Que tal se hospedar na Hacienda Iguana, um condomínio que conta com bons restaurantes, campo de golfe, piscinas, passeios a cavalo, agradáveis casas e apartamentos de frente para o mar, e ainda oferece como a cereja do bolo poder surfar num dos melhores tubos das Américas? A maioria das pessoas tem a percepção de que a Nicarágua é um país muito pobre, com um governo autoritário, que não respeita os direitos humanos, e que uma viagem para lá certamente acarreta muitos riscos. Correto para os dois primeiros itens, e longe da realidade o terceiro. A Nicarágua está entre os países mais seguros para receber surfistas da América Central e desenvolveu uma eficiente estrutura para esse tipo específico de visitante. Um dos melhores exemplos é a Hacienda Iguana, que tem nas ondas da Playa Colorado seu maior atrativo, com tudo para realizar as fantasias de qualquer caçador de tubos.



Acima, os tubos da Playa Colorado são famosos, assim como a boca incandescente do Vulcão Masaya



Puerto Viejo é um típico vilarejo caribenho, onde quebra a Salsa Brava, para muitos a melhor onda do país

SALSA BRAVA **Costa Rica**

Tendo morado na Costa Rica em duas oportunidades, somando quase cinco anos nesse país, que considero uma segunda casa, desenvolvi uma ligação profunda com as três ondas às quais mais me dediquei: Salsa Brava, Pavones e Roca Bruja. Estamos falando respectivamente de um fundo de coral, de um fundo de pedras e de um fundo de areia, ou seja, fica até difícil comparar, pois suas mecânicas são essencialmente diferentes. Todas picos capazes de produzir ondas de nível internacional, e cada uma com suas peculiaridades. Como tenho que escolher apenas uma dessas três ondas, vou ficar com Salsa Brava, em Puerto Viejo, por ser a mais intensa, com seus tubos profundos e desafiadores. Se você for à Costa Rica, tente surfar as três.



SANTA CATALINA **Panamá**

Chegar não é fácil, mas, depois de conhecer a beleza e a tranquilidade do lugar, juntamente com a perfeição de suas ondas, mais difícil ainda é ir embora. Um dos pioneiros de Santa Catalina foi o brasileiro Ítalo Izola, dono do Hostal Surfer's Paradise. No final dos anos 1970, trabalhando com exportação e importação na Zona do Canal, na Cidade do Panamá, ele recebeu o convite de um amigo local para conhecer uma praia, que vinha sendo mantida em segredo devido a uma onda fenomenal que quebrava ali. Como é sabido, os surfistas são muito egoístas quando se trata de dividir ondas. Ítalo foi, conheceu a tal onda proibida de ser divulgada e se apaixonou por ela. Acabou comprando uma das propriedades mais bem situadas da praia. O tempo passou e, apesar do esforço contrário, mais e mais surfistas foram descobrindo o lugar, colocando Santa Catalina no mapa das melhores ondas centro-americanas como uma parada obrigatória. Hoje a pequena vila abriga competições internacionais, e Ítalo se tornou uma referência em hospedagem na região.



Acima, vista externa e panorama de Santa Catalina, ambas da pousada Hostal's Surfer's Paradise, do brasileiro Ítalo Izola

CHICAMA **Peru**

Considerada a onda mais longa do mundo, situada no pequeno porto pesqueiro que leva o nome de Malabrigo, uma hora ao norte de Trujillo, Chicama é um desses lugares a que todo surfista deveria ir pelo menos uma vez na vida. A água fria, a paisagem desértica, o vento incessante, tudo contribui para reforçar a impressão de aspereza do ambiente. Mas, quando a série de ondas desponta no horizonte e se alinha, caminhando baía adentro, quebrando uma atrás da outra de forma simétrica, nada mais importa, somente pegar uma das ondas e percorrer quase 2 km em cima da prancha, até as pernas estarem doendo de tanto repetir manobras. Se antes o povoado era o próprio retrato do fim do mundo, um esforço coordenado pelos empresários fundadores do Chicama Boutique Hotel promoveu uma mudança radical na paisagem em terra. Hoje o visitante pode contar com uma variada oferta de boas hospedagens e restaurantes, com o Chicama Boutique Hotel puxando a fila.





Acima, as linhas lendárias de Chicama, a onda mais longa do mundo. Ao lado, a cultura andina, sempre presente em todo o Peru



Punta de Lobos, a onda mais famosa do Chile. No detalhe, placa que é um emblema para os surfistas: respeitar o meio ambiente, sempre. Na página ao lado, Adrian Kojin com crianças locais



PUNTA DE LOBOS Chile

A onda mais icônica do Chile conta com uma ativa comunidade de surfistas locais, que se estabeleceu nas suas proximidades e vive da economia gerada pelo surfe. Protegida contra os efeitos da especulação imobiliária e do crescimento desordenado, toda a área costeira de frente para o pico foi transformada numa reserva natural. O que só foi possível após uma ação conjunta liderada pelo mais famoso surfista chileno, Ramon Navarro, que reuniu a ONG Save the Waves, a Fundación Punta de Lobos e a marca Patagonia. O movimento resultante conseguiu levantar dinheiro suficiente para comprar o enorme terreno bem de frente para as Duas Tetas, o par de enormes pedras que marcam a paisagem do lugar, com as ondas quebrando a seus pés. Se isso não tivesse sido feito, um hotel com dezenas de quartos teria sido construído, dificultando o acesso às ondas e implicando sabe-se lá quais consequências para o meio ambiente. Situada a poucos quilômetros da charmosa cidade de Pichilemu, Punta de Lobos é o epicentro do surfe chileno, com várias outras ondas de alta qualidade nas redondezas. Não faltam bons lugares para se hospedar e comer, mas a melhor opção é o Hotel Alaia, com serviços de primeira, de surfista para surfista.



IMPACTAR PARA O BEM

Sempre acreditei que viagens devem ser experiências de mão dupla. Não podemos apenas "retirar" dos lugares visitados. Temos que deixar também. Ao partir rumo ao Brasil, fiz uma parceria com os California Locos, um renomado coletivo de artistas consagrados na cena de rua de Los Angeles. A intenção era promover oficinas de arte ao longo da jornada. Eles enveloparam minha van com trabalhos do lendário Rick Griffin, que faz parte do grupo In Memoriam, e me proporcionaram kits para colorir inspirados nele. Sempre que possível, eu organizava um dia para reunir a garotada mais carente dos lugares por onde passava.

Os desafios encontrados numa viagem dessas por terra são inúmeros. Não importa o quão preparado você esteja, imprevistos irão ocorrer sem que você possa encontrar a solução, dependendo apenas dos seus recursos. Mais ainda se você for para a estrada em condições longe das ideais em termos financeiros e de transporte. O objetivo era esse mesmo, testar o quão longe eu poderia chegar com muito pouco. Fui bem além do que imaginava e isso só se tornou possível graças à solidariedade recebida durante o caminho. O ganho mais significativo que resultou dessa jornada foi uma fé renovada no ser humano. Muitas vezes é aquela pessoa mais humilde a que com mais generosidade vai te receber.



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*

Uma vila para relaxar na Toscana

O respeito à biodiversidade no Borgo Santo Pietro revela produtos de beleza e tratamentos próprios baseados nas plantas locais e em ingredientes da fazenda de cultivo orgânico. Tudo com excepcional conforto em suas vilas e suítes

POR JULIANA A. SAAD







Todo o cenário parece vislumbrar um quadro de Monet. Estamos no Borgo Santo Pietro, uma imensa propriedade com belas edificações de pedra, suítes clássicas, vilas com piscina e jardins privativos, terraços, parques de cores hipnóticas, vinhedos, escola de culinária, ateliês de pintura, gastronomia primorosa e um spa holístico fora do comum, com produtos feitos em um laboratório de última geração, localizado lá mesmo, utilizando ingredientes cultivados na fazenda orgânica. Um verdadeiro oásis de beleza sustentável em plena Toscana.

Jeanette Thottrup, que criou o empreendimento com o marido, Claus, diz que tudo ali vai muito além de um hotel butique luxuoso em meio à natureza, sendo principalmente um lugar de *reset*, onde as pessoas podem relaxar e se inspirar para viver uma vida mais natural e equilibrada. Ela conta que ela e Claus, ambos dinamarqueses, estavam passeando pela Toscana no verão de 2001 quando viram uma vila abandonada do século XIII. Logo souberam que era chamada de Borgo Santo Pietro, que durante séculos, serviu de refúgio para o descanso e a recuperação de peregrinos a caminho da Abadia de San Galgano, perto de Siena. "Ela estava em ruínas, mas emitia um magnetismo ancestral, em um terreno de enorme beleza. Fomos atraídos pela natureza, história, energia e pelas oportunidades criativas do lugar", relata.

Compraram a vila e o entorno e iniciaram uma intensa reforma de sete anos, com operários, restauradores, artesãos, paisagistas e arqueólogos – esses últimos imprescindíveis na Itália, pois qualquer escavação pode expor relíquias, o que ocorreu duas vezes. Numa delas, uma ossada paralisou a obra por meses e, em outra, um artefato da Segunda Guerra Mundial foi encontrado. Nas etapas seguintes foram plantadas mais de 300 espécies de plantas e iniciadas a construção de vilas e a implantação de hortas, da fazenda orgânica e dos jardins, até que veio a decisão de abrir o hotel, em 2008, quando cada uma das 22 suítes e vilas recebeu afrescos e móveis feitos por artesãos locais e decoração com objetos resgatados de antiquários e *flea markets*. Por ali, hoje se avistam galinhas-caipiras, ovelhas, coelhos, porcos, alpacas e abelhas, enquanto os agricultores, jardineiros e *chefs* trabalham juntos para preparar criações sazonais com produtos próprios, incluindo manteiga, queijo, ervas, pão, compotas, mel e iogurtes.

Acima, a entrada e o caminho que levam à propriedade. Na página ao lado, produtos da marca Seed to Skin, criada e produzida no Borgo Santo Pietro

TOTAL *WELLNESS*

O orgulho maior de Jeanette é mesmo a Seed to Skin, uma marca de beleza que ela criou, mesclando ciência molecular com produtos naturais e sempre orgânicos com base na filosofia "da fazenda para o rosto". O Harmony & Renewal: Revitalising Wellness Retreat propõe sessões de ioga matinais e outras atividades com foco na reflexão, cura e reconexão interior, e no spa se destaca o ritual de massagem Nature's Bounty.

A expressão máxima de *wellness* no Borgo é a seleção de tratamentos faciais, corporais, massagens e a cura holística Seed to Skin, acessível apenas a quem reserva determinadas suítes ou uma das cinco vilas com piscina privativa, onde os procedimentos voltados para o bem-estar são feitos nos jardins, terraços e banheiros, com uma configuração personalizada para cada hóspede. São elas:

Casa dei Fiori Bianchi Pool House – As flores brancas estão lá, representando calma, paz e pureza, com os momentos iniciais sendo dedicados ao relaxamento por meio da respiração. A massagem e os movimentos faciais seguintes são lentos e longos, permeados pelo aroma dos produtos. O tratamento termina com um banho relaxante, imerso em uma mistura de ervas curativas, flores e óleos.



A piscina de borda infinita tem uma vista de tirar o fôlego dos vales e vinícolas da Toscana

Dina Ferri Pool House – O nome evoca a "poetisa pastora", que morou na região do Borgo e escreveu sobre seus encantos. O tratamento no quarto começa com uma massagem suave antes do envolvimento nutritivo de corpo inteiro com óleos naturais da marca The Devotion. Termina com um banho nutritivo, misturado com extrato de leite de ovelhas.

Gerda & Ellen Pool Houses – Os nomes das duas vilas homenageiam as avós de Jeanette e Claus. Tudo começa com uma massagem relaxante, acompanhada pelos aromas do óleo The Serenity, com três tipos de rosas antioxidantes e revitalizantes. Depois, vem o tratamento facial regenerador e nutritivo, seguido por um banho de rosas.

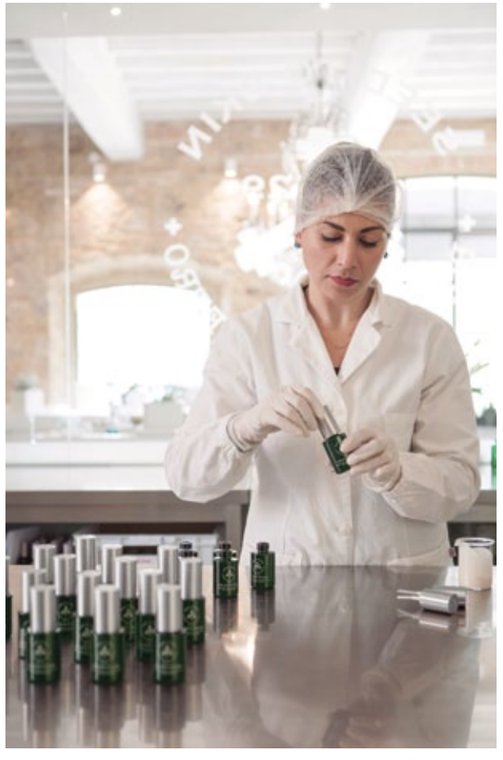
Dea Feronia Garden Suite – Dea Feronia, segundo a mitologia romana, é a deusa dos bosques, das águas de nascentes e da fertilidade. Os alvos são o rosto, as mãos e os pés, extremidades sensíveis ao estresse sem que a pessoa perceba. As massagens e a máscara Manuka antecedem um banho nutritivo com extratos de leite e mel.

Casa dell'Unicorno Garden Suite – Aqui, o tratamento corporal visa relaxar os músculos e drenar os líquidos com o uso de bambu, seguido de um tratamento facial desintoxicante. Depois vem o banho relaxante, com produtos The Bath Nectar e flores e ervas colhidas nos jardins da propriedade.

Borgo Santo Pietro Suite – Em um futon e ao som de sinos tibetanos, a terapia é feita com acupressão e as fragrâncias naturais dos produtos Seed to Skin com o objetivo de dissipar tensões. O ritual termina com a Terapia do Banho.

Dos alimentos *farm to table* aos produtos de *skincare*, tudo é produzido no Borgo Santo Pietro







Em sentido horário, gazebo para massagens nos jardins do hotel, preparo dos produtos *signature* Seed to Skin em um laboratório dentro do Borgo e um dos tratamentos no spa





Acima, a varanda de uma das 22 vilas do hotel. Na página ao lado, produção na horta orgânica

SABORES VIVOS

Totalmente enraizada nos princípios da biodiversidade e da agricultura regenerativa, a culinária se expressa no elegante restaurante Saporium, com vista para os jardins, onde o *chef* executivo Ariel Hagen, o *chef* residente Luca Ottogalli e a equipe desfilam sabores baseados nos produtos sazonais da propriedade, acompanhados por uma espetacular carta de vinhos, com mais de mil rótulos. E também na Trattoria sull'Albero, com uma decoração mais rústica. As massas frescas, as pizzas, as carnes e os peixes grelhados definem seu estilo.

Membro da Leading Hotels of the World, o Borgo Santo Pietro é um elegante exemplo de respeito à sustentabilidade e sua proprietária, Jeanette Thottrup, revela o conceito pessoal que define o empreendimento: "Eu não acredito em luxo ostentação. O luxo tem que ser genuíno".

borgosantopietro.com/luxury-spa-resort-tuscany



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*

C6BANK

APRESENTA

PROUDLY

A Grande diva Grega

Desde que Jackie O, um ícone eterno de sofisticação e glamour, colocou a então pacata Mykonos no mapa, em 1968, durante sua lua de mel com Aristóteles Onassis, a ilha tornou-se queridinha da nobiliarquia internacional e, é claro, do público LGBTQIAPN+

POR ERIK SADAO



A marca de Jackie O é sentida em Mykonos desde a compra da The Pink House. A casa pintada de rosa tornou-se um ícone da arquitetura e do estilo da ilha, onde predominam as características construções brancas. A ex-primeira-dama mais famosa do planeta costumava visitar Mykonos regularmente, promovendo encontros sociais e festas luxuosas, que duravam até o amanhecer. Não é surpresa que sua influência direta tenha contribuído para transformar Mykonos em um refúgio gay.

Atraídos pelo ambiente acolhedor e pela atmosfera descontraída da ilha, a migração LGBT parte em direção a Mykonos já em junho, com fluxo intenso entre julho e agosto, quando festas *circuit* e festivais como o XLSIOR (22 e 28 de agosto de 2024), bem mais agitados do que os classudos *petites comités* organizados por Jackie O, aportam na ilha, atraindo mais de 30 mil festeiros de todos os cantos do globo para baladas montadas nas faixas de areia *friendly* de Elia e Super Paradise.

FERVEÇÃO EM RITMO MEDITERRÂNEO

Quando desembarquei na ilha, em setembro, a ferveção dos festivais já havia passado, mas, nem de longe, Mykonos dava sinal de final de temporada. O que pude sentir é que a praia de Elia consolidou-se de vez como *point* gay, oferecendo como alternativa ao agito de Super Paradise, *beach clubs* mais relaxados, com naturismo opcional, e sua lendária rota das rochas, que leva até Agrari, menorzinha, mais pacata e cada vez mais procurada por quem busca relaxar com um livro com a vista do azul mais forte do Egeu.

Como de costume, a comunidade gay, com sua capacidade de mimetizar os passos, parecia seguir um rito ensaiado: durante o dia, drinques, encontros, papo e *minitrekkings* na trilha das rochas de Elia; e migrando para Super Paradise para o pôr do sol no badalado Jackie O Beach Club –, homenageada aqui e em outros *points* do centro de Mykonos pela comunidade *queer* – onde shows com drag queens e DJs internacionais acontecem quase diariamente. Depois de dois dias na ilha, todo mundo já se reconhece nos mesmos lugares.

Apesar de tantos de anos em operação, o Jackie O Beach Club, com sua vista privilegiada do mar, permanece uma meca LGBT, lotado de gente feliz e a fim de estar ali até meados da noite. É onde a mítica gay de Mykonos parece se materializar. Dançando ao som de house, todos recém-saídos da praia, nota-se que de repente o céu se tornou cobalto, competindo em tons de azul com o Egeu.

Quem quer fugir da agitação de Super Paradise encontra em Paraga, logo ao lado, uma alternativa naturista, com o sossego de uma praia com menos infra, mas que compete em encanto, com rochas próximas da margem dando cor ao imaginário de ideal de beleza de praia grega. E, confirmo, é uma das mais bonitas da ilha.

GLAMOUR COM ATMOSFERA *HIPPIE CHIC*

Parnomos, localizada ao norte de Mykonos, já fazia parte da rota LGBT antes mesmo da abertura do lindo Principote (verifique a disponibilidade, pois fecha um pouco antes do final da temporada), aberto no último ano. O *beach club* traduz, a partir das cortinas e da madeira rústica, os vestígios de uma essência *hippie chic* que parece ter se perdido na ilha mais *bling bling* da Grécia. Um restaurante simples, com peixes fresquinhos, permanece na ativa na mesma praia para quem busca comida boa em um ambiente sem pretensão.

Mykonos é abençoada com uma variedade de praias de tirar o fôlego. Independentemente da orientação sexual, todos são bem-vindos em Psarou, onde a atmosfera sofisticada em *beach clubs* badalados, e frequentados por Hollywood, impera. Agios Ioannis, com suas águas calmas, é perfeita para relaxar. Agia Anna, cercada por formações rochosas e mar claro, e Kalo Livadi, conhecida por sua extensa faixa de areia dourada, são conhecidas pela atmosfera descontraída. Agios Sostis é a pedida para quem prefere praias mais isoladas. Leve uma toalha e ao menos água para visitá-la.

Mykonos continua sendo um refúgio de beleza, diversidade e aceitação, onde o legado de Jackie O cresce, atraindo viajantes LGBT em busca de festas animadas, praias deslumbrantes ou só para conectar-se com a atmosfera acolhedora e a essência da Grécia. É fácil entender por que há décadas a ilha mais fervida do Mar Egeu figura no topo da lista de lugares para se festejar.











Em sentido horário, o clima *cool* do Jackie O Beach Club, prato e drinque do mesmo lugar em Super Paradise e a Praia de Elia

NOITE MYKONIAN

Hospedar-se próximo de Mykonos Town e Chora, as áreas centrais da ilha, tem suas vantagens. Alguns dos restaurantes mais concorridos, cafés charmosos e, claro, o comércio de lojas de grifes de luxo internacional, galerias de arte e coletivos de estilistas e artistas locais formam um labirinto na cidade antiga, convivendo lado a lado com casinhas com varal para a rua, lotadas de gatos, e um sem-fim de igrejinhas ortodoxas.

Restaurantes como o Jackie O (onipresente aqui) são declaradamente gays, mas a perdura por toda a ilha. O viajante LGBT vai se sentir acolhido em qualquer estabelecimento de Mykonos, sem julgamentos. Reserve os bombados M-Eating e Bagatelle sem medo de demonstrar afeto. O Nōema, um dos meus preferidos, presta homenagem à cozinha tradicional grega, com bebidas e pratos para compartilhar.

Quando o sol se põe, essa parte de Mykonos se enche ainda mais de vida. E um novo êxodo LGBT é sentido em direção a bares como o Lola's, localizado em uma das ruazinhas mais agitadas do centro e ideal para quem quer tomar um drinque e conversar, com som pop de fundo.

Perto da meia-noite, a ponta da praia próxima do Waterfront, depois dos moinhos, lota com gente que acabou de migrar de Super Paradise ou recém-saída de um dos restaurantes. O Jackie O Town Bar - de novo ela aqui! - é formado por um clube, aberto até o amanhecer aos finais de semana, e um bar lotados durante toda a semana. Ao lado, o novo Cosmo disputa a audiência com shows de drag queens e pegada mais pop no som até as 3 da manhã e as famosas ruínas de uma igreja, que costumam lotar de gente em busca de, bem, tomar um ar.

O BY MYCONIAN

Localizado na bela Baía de Ornos, a pouco mais de 3 km ao sul de Mykonos Town, o recém-inaugurado O, parte da Myconian Collection, é uma das adições mais aclamadas do cenário hoteleiro da ilha mais vibrante da Grécia. O seu design contemporâneo harmonioso, inspirado no conceito *wabi-sabi*, combina de maneira elegante elementos orgânicos em tons mais escuros, introduzindo um toque de frescor ao cenário de Mykonos. Vale destacar que a permissão para a construção de edifícios em cores mais escuras, contrastando com o branco predominante, é uma novidade que foi concedida apenas nos últimos anos.

A estrutura do O by Myconyan oferece um bar à beira-mar, restaurante pé na areia e a O Concept Store, loja conceito com uma curadoria de marcas locais e internacionais que prezam por conforto, elegância e elementos orgânicos na fabricação. A piscina interna é um dos ambientes mais instagramáveis do Mar Egeu, com adornos que remontam ao hippie e à Ásia. A academia, espaçosa e bem equipada, e o espaço O Wellness, com ótimas salas de massagem e saunas, fazem o tempo no hotel passar voando.

Acima, piscina e ambiente interno do hotel O By Myconian

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*



ENSAIO

“Procuro ver *beleza* em tudo”

Em lugares como o Sudão do Sul, a Etiópia e o Paquistão, Bruno Feder documenta as realidades desafiadoras, a resiliência humana e a esperança, utilizando suas fotos como uma ferramenta de conscientização sobre questões humanitárias



Bor, Jonglei, Sudão do Sul

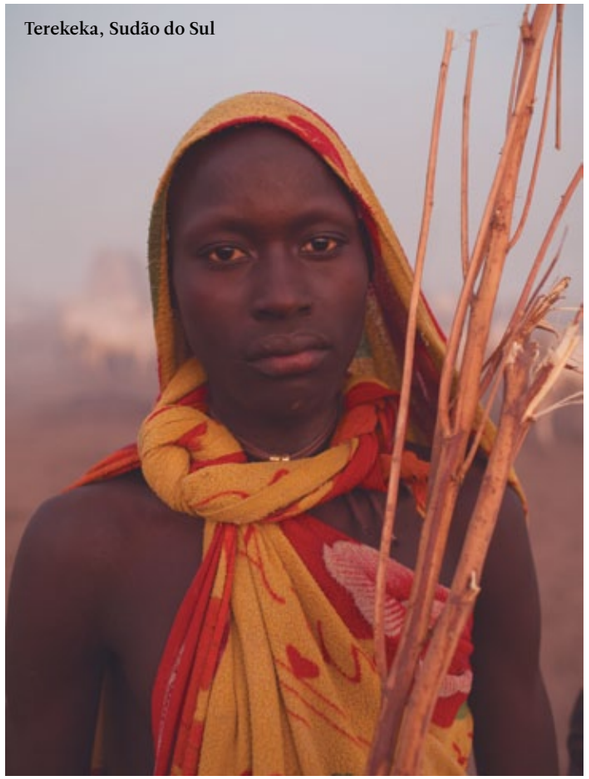


Terekeka, Sudão do Sul





Kalash Valley, Paquistão



Terekeka, Sudão do Sul



Fronteira de Wagah, Paquistão



Kalash Valley, Paquistão



Bor, Jonglei, Sudão do Sul



Axum, Tigray, Etiópia



Terekeka, Sudão do Sul

As viagens convencionais nunca fizeram parte dos planos de Bruno Bierrenbach Feder. Ainda criança, quando o sonho da maioria dos colegas era viajar para a Disney, ele já almejava conhecer o Afeganistão. Os pais achavam graça do menino, que, por essa época, andava com uma câmera para cima e para baixo, clicando a família, a natureza e tudo o mais que lhe chamasse a atenção.

A fotografia continuou como um hobby. Bruno se formou em relações internacionais e trabalhou em cargos na prefeitura e no governo de São Paulo. A grande virada veio logo após um curso de fotografia no ICP (International Center of Photography), em Nova York, em 2013, quando conheceu um grupo de amigos e com eles partiu para Uganda, como voluntário em um projeto educativo. Foi lá, acompanhando o dia a dia das crianças ugandesas, que ele percebeu que sua missão era contar histórias e a fotografia seria essa ferramenta.

Ele passou a vender algumas imagens e, com o lucro, custeava algumas das necessidades dos projetos e também novas viagens para documentar uma África inacessível e invisível para os olhos da maior parte do mundo. Depois da missão em Uganda, partiu para o Sudão do Sul, onde trabalhou, entre 2015 e 2018, sob a intensa tensão em um país novo e recém-saído de um conflito que durava décadas. "Eu tinha que seguir protocolos rigorosos. Durante a minha jornada por lá, fiz trabalhos com refugiados, pelos direitos femininos e com crianças", conta ele, que só deixou o país porque teve problemas com a autoridade de mídia local.

Sem esmorecer, Bruno partiu para outras aventuras, que o levaram a lugares remotos da África e da Ásia, incluindo Costa do Marfim, Paquistão, Djibuti e, mais recentemente, Somália, onde passou três meses este ano. "Tive muitas experiências impactantes em todos os lugares, mas a Somália foi muito impressionante", conta o fotógrafo, que vivenciou – e documentou – a grave situação humanitária do país. "Ao chegar a Mogadíscio, a capital, precisei entrar no protocolo de proteção da ONU, tão perigosa é a situação devido ao grupo terrorista islâmico Al-Shabaab."

A cada nova incursão, Bruno volta com o hardware recheado de imagens e a cabeça repleta de aprendizados, pela dor dos refugiados, pelo abandono das crianças, pela mutilação das mulheres, pelos desafios enfrentados e, sempre, pelo idealismo de conhecer mais e melhor o planeta para poder mostrar essas pessoas e essas faces para o resto do mundo. "Eu me considero um antropólogo empírico. Viajo aberto para novas culturas e sempre buscando enxergar sua beleza. Por isso, gosto tanto de retratar as pessoas", explica.

Vivendo em Portugal, o fotógrafo acaba de terminar um mestrado e, em breve, deve se jogar em novas aventuras por Paquistão, Bangladesh e onde mais seu instinto mandar.



GASTRONOMIA

A nova cozinha Guatemalteca

Com quatro restaurantes listados entre os melhores da América Latina, a Guatemala exalta sua ancestralidade por meio de uma gastronomia arraigada e autoral, repleta de ingredientes nativos e da cultura local

POR PAULA LEMOS





Ao lado e abaixo, o preparo de tortilhas de milho artesanais. Na página ao lado, a Igreja de San Andres de Xecul, em Totonicapan



Com uma diversidade de encher os olhos, a Guatemala está localizada no que foi o epicentro da civilização maia. Seus descendentes diretos, os guatemaltecos de hoje, se dividem em 24 grupos étnicos, que falam cerca de 55 línguas indígenas, entre as quais 23 são oficialmente reconhecidas. Apesar do pequeno território, tudo ali é superlativo. O país ocupa o quinto lugar do mundo em biodiversidade: são 14 ecorregiões, 33 vulcões, lagos e praias em dois oceanos, o Pacífico e o Mar do Caribe. Isso faz da Guatemala um lugar de muitos contrastes, belas paisagens e uma enorme variedade de ingredientes naturais.

Após 36 anos de guerra civil, que terminou oficialmente em 1996, o país entrou em um processo de "cura de suas feridas" com a busca pela identidade perdida, o que envolveu intimamente a gastronomia. De lá para cá, jovens *chefs* vêm investigando tradições, somando a elas criatividade e dando uma lufada de oxigênio às cozinhas profissionais.

Muitos deles passaram temporadas de estudo e trabalho no exterior e, ao voltar para casa, iniciaram projetos autorais, nos quais somam as técnicas aprendidas fora à rica cultura e aos ingredientes da região. Essa *buena onda* de *chefs* levou à sua participação na Latin America's 50 Best.

O interesse pela cultura de povos originários parece ser uma tendência crescente em todo o mundo. A Guatemala, que antes tinha o colonizador europeu como inspiração, agora se rende ao encanto de suas próprias paisagens, à conexão com os antepassados e à força de sua identidade.

A MILPA

Composta de milho, feijão e abóbora, e mais conhecida como "tríade mesoamericana", a milpa é uma técnica de policultura que alterna cultivos, evitando o desgaste do solo e mantendo a diversidade da alimentação.

A palavra, de origem náhuatl, é formada pelos vocábulos *milli* ("campo") e *ypan* ("acima") e significa "colocar em cima de". A técnica foi primordial para garantir a alimentação em toda a história da civilização maia.

Ainda hoje, sob a influência da milpa, os pequenos agricultores guatemaltecos procuram cultivar a terra de acordo com as suas necessidades alimentares, intercalando colheitas de chiles, *quelites* e tomates, entre outras plantas, e semeando ervas medicinais e árvores frutíferas à margem das plantações.

A tríade mesoamericana garante a tortilha de milho (o mesmo que o nosso pão), a proteína do feijão e a versatilidade da abóbora, encontrada em caldos, guisados e sobremesas e, não raramente, assada na brasa e comida ainda fervendo com uma colher. Esses três ingredientes estão presentes na cozinha destes quatro restaurantes premiados, onde os *chefs* e suas equipes mergulham na ancestralidade e retornam de lá com propostas de experiências gastronômicas únicas e surpreendentes.







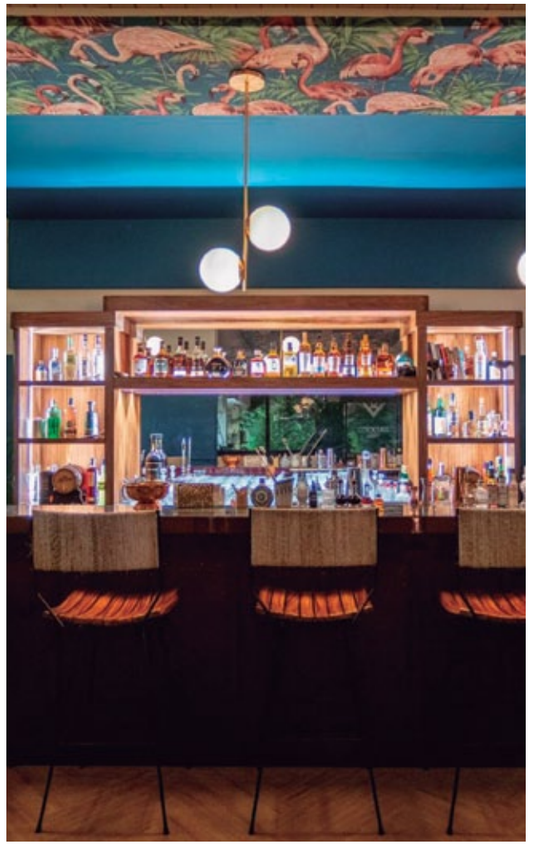
OS RESTAURANTES PREMIADOS
MERCADO24

O Mercado24, do *chef* Pablo Diaz, oferece uma comida despretensiosa em um ambiente igualmente despretensioso: é tudo simples e delicioso. Os pratos, executados com técnica impecável, são apresentados sem invencionices e sempre sob a sólida filosofia de destacar os ingredientes.

O menu muda de acordo com a safra dos produtos, escolhidos por ele todos os dias no mercado da cidade. Muitas vezes, os pratos são preparados na brasa, mas também há os que são feitos com as técnicas aprendidas durante as viagens ao exterior, como é o caso do atum curado e envelhecido.

Os vegetais da estação, o pescado do dia e os frutos do mar do Mercado24 são famosos. As torradas de peixe cru e camarão, no estilo *aguachile*, são sensacionais, tanto que deram origem a outro lugar de sucesso, o Dora La Tostadora, onde o menu se concentra nas torradas que nasceram no Mercado24.

Passamos ali uma tarde deliciosa, eu e José Wolff, o amigo e jornalista de gastronomia que me assessora neste artigo. A comida vinha diretamente das brasas, trazida pelo simpático Pablo, que nos descrevia com emoção os encantos de cada prato.



SUBLIME

Assim que entramos, percebemos a atenção dada aos detalhes. O restaurante, instalado em um elegante bairro da Cidade da Guatemala, conta com vários ambientes, nos quais é possível apreciar obras de importantes artistas centro-americanos, entre eles Carlos Mérida e Ángel Poyón. O Sublime é afiliado à Fundação Rozas-Botrán.

O *chef* e proprietário, Sergio Díaz, com a colaboração da antropóloga Jocelyn Degollado, desenvolveu um menu degustação que nos leva a um passeio pelas histórias e regiões emblemáticas da Guatemala. Das terras de Cobán (prato da região com peru, *ichintal* e *kakik)* às áreas *garífunas* de Izabal. Das margens do Rio Motagua às áreas urbanas e populares, como La Terminal (o maior mercado da cidade).

Além da comida excepcional, o restaurante tem uma extensa carta de vinhos e coquetéis, que fazem da opção pela harmonização uma boa escolha. Tudo ali funciona maravilhosamente bem!

Durante o jantar, Díaz, muito simpático, passou por nossa mesa para ver se estava tudo certo e contar um pouco mais sobre os pratos. A hospitalidade é um dos pontos fortes do Sublime.



FLOR DE LIS

Trata-se de um restaurante que conta histórias por meio da cozinha. Ao chegar, desço uma escada e atravesso uma cortina para alcançar o pequeno salão, com uma luz tênue e cozinha à mostra. O ambiente tem um ligeiro ar dramático de *club* noturno. A equipe, enxuta e formada por jovens vestidos informalmente, dá um ar descolado e moderno.

"Aqui comemos cultura e servimos histórias", diz Diego Telles, que depois de trabalhar nos renomados Noma, na Dinamarca, e Mugaritz, na Espanha, voltou à Guatemala para abrir sua própria casa, em 2013.

"Quando trabalhei com Aduriz, ele nos dizia que o sexto sabor é o das histórias. Eu queria contar uma, mas não sabia qual." Foi quando ele encontrou uma edição do *Popol Vuh,* o livro sagrado dos quichés, um povo das terras altas do centro da Guatemala, que sobreviveu à queima de obras acusadas de heréticas no período colonial. O livro indicou ao *chef* o caminho que ele procurava. "*O* Popol Vuh *não tem receitas, mas tem histórias que podem ser interpretadas através da comida*", diz Telles.

O menu degustação exala fumaça, fogo e cinzas, em apresentações de estética minimalista e, às vezes, com um ar misterioso. Técnicas de vanguarda e práticas ancestrais se combinam para criar pratos que trazem à mesa ingredientes raros, como o sal preto de Sacapulas, produzido hoje em dia por uma família apenas, e o mel de Huehuetenango.









DIACÁ

No Diacá, o protagonista é o ingrediente. Importantíssimos também são o alimento e o homem no campo que o produziu. Debora Fadul, a *chef* e proprietária, desenvolveu um método, que chamou de Ecossistema Sensorial dos Ingredientes, com o qual busca compreender profundamente os produtos da terra. Para ela, o ser humano precisa dar significado aos alimentos, por isso, ela "conversa" com eles e tenta ouvir o que pedem.

Isso resulta em pratos originais, de estilo único, livres de influências e amarras da cozinha clássica. O Diacá quer nos tirar da visão antropocentrista e nos reconectar uns com os outros e com a terra. Ali, a comida cura, regenera e promove a harmonia entre o ser humano e a natureza.







MUITO ALÉM DA GASTRONOMIA

A Guatemala surpreende e encanta por razões que vão além de sua premiada gastronomia. Uma das mais significativas é o toque místico que sentimos em quase tudo: rituais maias ancestrais misturados ao cristianismo resultam em um sincretismo potente, com práticas xamânicas e altares de devoção, que estão presentes em muitas das casas e fazem parte do dia a dia dos guatemaltecos.

Localizado na América Central, o país tem um clima agradável o ano todo, que pode ser fresco nas montanhas e quente na planície, onde a floresta tropical se estende até Yucatán. Como é pequeno, é possível visitar várias regiões em um só dia e perceber os incríveis contrastes entre elas, frutos da imensa biodiversidade da região.

Há muito o que ver na Guatemala: a magia das ruínas de Tikal e a cultura *garífuna* de Livingston. As piscinas naturais de Semuc Champey e as montanhas de Nebaj. O charme urbano de Antigua, a capital colonial espanhola, com sua arquitetura deslumbrante, e a cidade de Chichicastenango, onde um grande mercado mantém a cultura maia viva e pulsante.

Um dos passeios mais impressionantes é a visita ao Lago Atitlán. O lugar fascinou Aldous Huxley, que o julgou mais bonito do que o Lago Como, na Itália, e um dia inspirou Saint-Exupéry a escrever *O Pequeno Príncipe*.

E há os vulcões, que estão por toda a parte e, com a sua presença majestosa, parecem espiar e cuidar de nós. É muito difícil não querer voltar.

Jose Wolff, artista e jornalista na Guatemala, colaborou neste artigo.

Acima, a Pirâmide de Tikal, principal tesouro da civilização maia do país. Na página ao lado, o Vulcão de Fogo e o Lago Atitlán





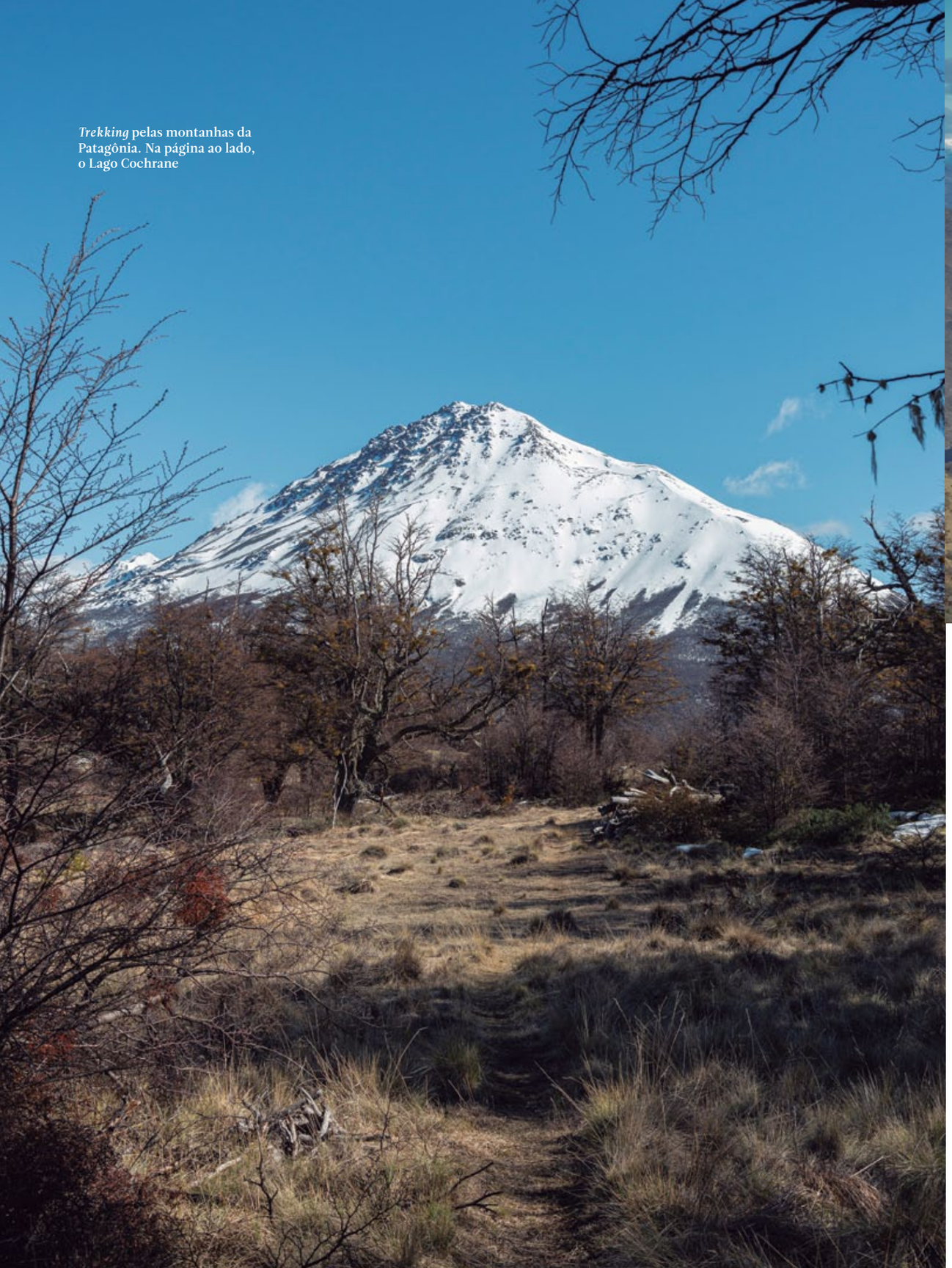
AVENTURA

NA NATUREZA REMOTA

Descobrir o Parque Nacional da Patagônia por meio do Explora é conhecer, em toda a sua potência, a natureza de uma das regiões mais belas do planeta e perceber a força de regeneração da natureza

POR CORINNA SAGESSER FOTOS TUCA REINÉS

Trekking pelas montanhas da Patagônia. Na página ao lado, o Lago Cochrane





Conhecer destinos remotos com uma profunda imersão na natureza, em meio a paisagens únicas e com projetos voltados para o meio ambiente e para as comunidades locais, transforma meu olhar e o significado de viajar a cada nova aventura.

Recentemente, vivi essa experiência de forma muito potente no Explora Lodge, que fica dentro do Parque Nacional da Patagônia (PNP). Trata-se do mais recente *lodge* do grupo Explora, inaugurado antes da pandemia, completando o portfólio de sete destinos remotos que o grupo possui na América do Sul.

Pioneiro no conceito de viagens sustentáveis – no luxo do essencial –, o grupo lidera importantes ações de proteção das áreas onde está localizado, proporcionando experiências profundas no entorno.

O Parque Nacional da Patagônia está localizado numa reserva de 750 mil acres, repletos de montanhas de granito, geleiras, lagos (com cores que vão do azul-turquesa ao verde-esmeralda) e florestas de vegetação variada. A exuberância das estepes douradas e da flora e fauna endêmicas e a preservação das comunidades estão em total comunhão com a natureza.



Trecho da caminhada de 12 km até o Lago Chico







Acima, passeio de caiaque pelo Rio Cochrane, que leva ao lago de mesmo nome, e estufa da Huerto Quatro Estaciones. Ao lado, pedal em *e-bike* nos arredores do *lodge*

NA COMPANHIA DOS ANDES

A viagem teve início na comuna chilena de Balmaceda, após uma conexão vinda de Santiago. Assim que deixamos a pequena cidade em direção ao PNP, começamos a avistar cenários maravilhosos, tendo a Cordilheira dos Andes sempre presente. A viagem de carro foi feita em seis horas, e grande parte dela pela famosa Carretera Austral, uma das estradas mais belas do mundo.

Na chegada ao *lodge*, logo fomos recebidos pelo simpaticíssimo *staff*. Cansados, porém animados, saímos após o almoço para a primeira caminhada, na qual pudemos avistar bem de perto guanacos, mamíferos da família dos camelídeos, que podem pesar até 90 kg. São animais extremamente resistentes ao frio e ficam até quatro dias sem beber água.

O BENFEITOR DA PATAGÔNIA

Ao final da trilha de 4 km, visitamos o cemitério local, onde está enterrado Douglas Tompkins, o fundador do parque (e cuja trajetória você pode ler na seção Inspiradores desta edição) e o responsável por recuperar a fauna e a flora da região ao comprar, juntamente com a esposa, Kristin, várias fazendas e transformar a região num local protegido, em 2004. Em 2018, três anos após sua morte, as terras foram doadas pela Fundação Tompkins Conservation ao governo do Chile, tornando-se um dos mais importantes parques nacionais do planeta – o documentário da Netflix *Os Parques Nacionais Mais Fascinantes do Mundo*, narrado por Barack Obama, tem um episódio dedicado ao PNP, que é um exemplo mundial de conservação. Desde o início, o objetivo era reintroduzir espécies de plantas e animais e deixar a natureza se recompor, devolvendo espaço à vida selvagem. O resultado foi que o número de guanacos, condores, lebres, pumas e outras espécies voltou a crescer, e hoje eles podem ser vistos com frequência. A Patagônia tem a maior densidade de pumas do mundo. Depois de recebermos essas informações, ficamos ansiosos para o dia seguinte.

***TREKKING*, PIQUENIQUE E A ALTA GASTRONOMIA REGIONAL**

Acordamos cedo e, depois de um delicioso café da manhã, partimos para um *trekking* de 12 km pelas montanhas, tendo como destino os lagos Chico e Chocrane. Caminhávamos num silêncio profundo, ouvindo os sons da natureza, do vento, dos pássaros e impactados pela majestosa beleza ao nosso redor. Foram seis horas de caminhada, com direito a um delicioso piquenique às margens do Lago Chico.

Durante o *trekking*, aprendemos muito sobre a fauna e flora com os nossos guias, Nickolas e Matti. Os guias do Explora são profundos conhecedores da história, da cultura e da natureza do entorno dos *lodges* e de todas as experiências oferecidas aos hóspedes.

Após uma massagem revigorante para relaxar depois do longo *trekking*, e de um jantar delicioso, fomos dormir exaustos, mas felizes com os muitos aprendizados do dia.

Uma das coisas mais interessantes sobre a gastronomia do Explora, além do fato das refeições serem deliciosas, é que as receitas são feitas com base em ingredientes fornecidos por pequenos produtores locais, o que torna tudo mais saboroso e fresco. E sempre acompanhadas de vinhos de excelente qualidade e, o melhor, em sistema de *open bar*.

No dia seguinte, começamos nossa programação com uma navegação pelo Rio Cochrane, o segundo com as águas mais claras e transparentes do mundo. De lá, saímos para uma caminhada ao longo do rio, dentro de uma floresta com árvores centenárias, num silêncio total.

De volta ao Explora e após um saudável almoço, seguimos para mais um *trekking*, no qual avistamos a confluência dos rios Baker e Chacabuco.





Piquenique organizado pelo Explora às margens do Lago General Carrera. Na página ao lado, um puma, grande felino que habita a região, e Chris, criador do projeto Almaverde

Trata-se do lugar onde, anos atrás, o governo quis instalar uma hidrelétrica, mas enfrentou o levante das comunidades ao redor, que promoveram uma das maiores campanhas ambientais para impedir a obra. Felizmente a hidrelétrica não foi construída: a Patagônia tem uma das maiores reservas de água do planeta, daí a importância da preservação de seus rios e lagos.

O tempo tinha dado uma piorada, com uma garoa gelada e a temperatura caindo rapidamente. Voltamos para o conforto do *lodge*, que tem 13 suítes, muito confortáveis e com vista para o maciço das montanhas nevadas. Nessa mesma noite, nos deliciamos com um cordeiro feito na grelha, acompanhado de legumes e verduras, preparados conforme os costumes locais – a famosa *parilla*, ao estilo dos gaúchos, o povo originário que prepara quase tudo dessa maneira.

PROJETOS DO BEM

Acordamos com uma manhã de céu limpo e prontos para mais um dia de novas emoções. Na Patagônia, existem vários projetos de cultivo de alimentos orgânicos e saudáveis. Fomos conhecer dois deles, ambos bem incríveis.

A primeira parada foi na Huerto Cuatro Estaciones, às margens do Lago General Carrera. A proposta do local é ensinar as pessoas sobre como é possível produzir uma grande variedade de legumes, verduras e flores sem agrotóxicos a partir da regeneração do solo (@huertocuatroestaciones.cl). Eles fornecem os produtos para as famílias da região e para os seus próprios colaboradores, além de oferecerem consultoria a pessoas interessadas em um modo de vida com alimentação saudável.

Em seguida, fomos visitar a Almaverde, em Puerto Guadal. Chris, o idealizador do projeto, nos recebeu e nos ensinou sobre a permacultura, que tem como base a agricultura regenerativa e a criação de galinhas, patos e ovelhas em harmonia com o meio ambiente. Tudo é feito pensando em proteger a natureza, com o uso de materiais reciclados localmente, além de painéis solares, banheiros secos, com o emprego da compostagem, e a preocupação de produzir pouco lixo. Chris também dá aulas às crianças da redondeza com o propósito de ensinar a tornar o mundo um lugar melhor e o mais natural possível (almaverde.org). Foi um dia de muitos aprendizados sobre como ser o mais sustentável possível e viver de uma maneira mais saudável.

No último dia antes do retorno, o passeio foi por uma trilha, com as *e-bikes* da marca norte-americana Specialized, pelas montanhas próximas ao *lodge*. O Explora oferece, além de inúmeros *trekkings* e trilhas em *e-bikes*, passeios de caiaque por rios e lagos. Na mesma tarde, fizemos nossa última caminhada até a Lagoa dos Cisnes, que no verão recebe centenas dessas aves, o que originou seu nome.

No dia da partida, a sensação era de encantamento, com tantas experiências e aprendizados.



Seguimos de volta pela Carretera Austral de carro, admirando as paisagens e com um sentimento único de bem-estar e paz.

PRESERVAR É URGENTE

Mais uma vez, pudemos constatar como o grupo Explora nos conecta com a mais remota e maravilhosa natureza. E como ele cuida e conserva os lugares onde se localiza. É realmente um exemplo de turismo responsável e comprometido com o meio ambiente e as comunidades locais.

Os rios da Patagônia nascem dos glaciares e da neve dos Andes e são a força vital do ecossistema, além de formarem a base de alimentação e o habitat de toda a flora e a fauna da região. Por isso, a importância da criação do parque e da presença do Explora como um disseminador desse conceito fundamental. Hoje é possível notar, com muita alegria, que a semente plantada há anos pelo casal Tompkins deu muito certo. Em todos os nossos *trekkings*, avistamos muitos guanacos, condores e lebres, confirmando que a natureza pode ressurgir em sua plenitude.

O conceito do Explora para seus hóspedes é: imergir profundamente na natureza, no coração do lugar, no entendimento do nosso entorno e no nosso papel neste mundo, fazendo de cada exploração uma jornada para a conservação. Foram os sentimentos e as experiências que vivemos durante essa estadia que nos transformaram mais uma vez como viajantes.





Acima, o spa do Explora PNP. Na página ao lado, a fachada da propriedade e guanacos nos jardins do hotel, avistados a partir da sala do café da manhã





BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou *revistaunquiet.com.br*



ENTREVISTA

Dorji Thradhul

O diretor de turismo do Butão explica como o reino budista, rico em paisagens impressionantes e permeado por fortalezas e mosteiros, abre uma janela para o mundo sem abandonar seus valores essenciais

POR ERIK SADAO

Manter as tradições intactas e uma política de "turismo de alto valor e baixo impacto" não impede que o Butão cresça como destino. Ao contrário, cada dia mais recorrente na lista de viajantes que buscam vivenciar experiências autênticas e estão comprometidos com o propósito de viajar com responsabilidade, o reino budista desponta como um exemplo de turismo sustentável. O diretor geral de turismo do país, Dorji Dhradhul, explica, em uma entrevista exclusiva à UNQUIET, como o Butão se reinventou, para se abrir para o mundo e exibir seus riquíssimos tesouros culturais e históricos, sem perder a essência ou sobrecarregar o meio ambiente.

UNQUIET _**O Butão é conhecido por sua política única de "turismo de alto valor e baixo impacto". Poderia nos explicar como ela funciona?**
Dorji Dhradhul: O conceito de "turismo de alto valor e baixo impacto" foi introduzido pelo Quarto Rei do Butão, quando o país abriu suas fronteiras para turistas internacionais, em 1974. Isso foi considerado uma estratégia única. Essa política enfatiza a qualidade, em vez da quantidade. Ela visa evitar o excesso de turismo e garantir o equilíbrio entre os retornos econômicos e os ganhos não materiais, como a preservação de nosso ambiente, cultura, história e recursos para garantir o bem-estar de nossos hóspedes, nosso povo e nosso destino.

Que medidas e estratégias o Butão implementou para promover o turismo sustentável e minimizar os impactos negativos ao meio ambiente e à cultura?
Ao reconhecer o valor do ambiente intocado e de sua rica cultura, implementamos várias medidas e estratégias para promover o turismo sustentável, incluindo a Taxa de Desenvolvimento Sustentável, que é reinvestida no reino. A "política de alto valor e baixo impacto" prioriza a conservação do meio ambiente e a sustentabilidade, convidando os viajantes, conscientes e responsáveis, à busca de experiências autênticas. A iniciativa Preservação Cultural promove festivais e eventos em todo o país. Damos uma grande ênfase à imersão cultural, incentivando os visitantes a participar de festivais e tradições, respeitando os costumes e o modo de vida da nação. Temos ainda as Iniciativas Ecoamigáveis, que incluem todo o organismo de turismo, com hotéis e operadores incorporando temas e práticas ecologicamente corretos, com certificação para aqueles que atendem os padrões ecológicos. Nos Passeios Guiados, os visitantes são obrigados a viajar com um guia turístico licenciado, garantindo interações respeitosas tanto com a natureza quanto com a cultura.

O Butão coloca uma forte ênfase na Felicidade Nacional Bruta (FNB). Como o conceito de FNB se relaciona com o setor de turismo e como ele é integrado à experiência do visitante?
A Felicidade Nacional Bruta é uma abordagem holística para o desenvolvimento, enfatizando o bem-estar e a felicidade dos cidadãos, em detrimento dos ganhos econômicos. No turismo, isso se traduz na "política de alto valor e baixo impacto". Ela garante que o Butão convide viajantes responsáveis cujos valores estejam alinhados com a visão e a marca do Butão. O tipo de viajante que o país recebe é mantido por meio dessa política e da taxa diária, o que também garante que a atividade turística não sobrecarregue o meio ambiente e a cultura. Isso não apenas ajuda a proteger o patrimônio único do Butão e manter o ambiente intocado, mas também garante que os visitantes tenham uma experiência imersiva e autêntica. Além disso, os passeios guiados, a interação com os habitantes e a participação em diversas atividades garantem que os visitantes deixem o Butão com uma compreensão e apreciação do compromisso do país com uma forma de vida equilibrada e harmoniosa.


O mosteiro Paro Taktsang, conhecido como Ninho do Tigre

Poderia destacar algumas das atrações culturais e históricas preferidas no Butão, como dzongs e mosteiros, e sua importância?
O Paro Taktsang, conhecido como Ninho do Tigre, é um dos mosteiros mais renomados do reino, atraindo admiradores de todo o mundo. Localizado precariamente em um penhasco, ele oferece vistas de florestas exuberantes e do Vale de Paro. Taktsang se tornou uma das primeiras coisas que você vê quando pesquisa sobre o Butão na internet. É um destino imperdível, que exibe a beleza e a grandiosidade da arquitetura butanesa. Qualquer viagem ao Butão fica incompleta sem uma visita a ele. O Dzong de Punakha, situado na confluência de dois rios, o Pho Chhu e o Mo Chhu, é um local histórico e atraente durante todo o ano. As belas árvores de jacarandá em flor tornam o Dzong ainda mais bonito na primavera. O Buddha Dordenma, localizado a cerca de 6 km da cidade de Thimphu, é uma das maiores estátuas de Buda sentado do mundo. Já a Passagem de Dochula, um marco histórico situado entre os distritos de Thimphu e Punakha, é um excelente local para desfrutar da deslumbrante vista panorâmica das montanhas cobertas de neve, com 108 estupas construídas para homenagear a bravura e os sacrifícios dos soldados butaneses. O Memorial Chorten é um ponto de referência popular em Thimphu, construído em 1974 em memória do falecido Terceiro Rei. Há, claro, inúmeros outros lugares para citar.

Como a indústria do turismo trabalha para garantir que as tradições culturais e rituais permaneçam intactas e não sejam afetadas pelo aumento de visitantes?
O Butão sempre foi cauteloso em relação à preservação de sua cultura e suas tradições. A política do "alto valor e baixo impacto" e a taxa diária ajudam na preservação da cultura. Os fundos arrecadados pela taxa diária de desenvolvimento sustentável são alocados para a preservação da cultura. Além disso, todos os passeios têm guias treinados para compartilhar as tradições do Butão de maneira respeitosa e informativa. Os visitantes também são educados sobre costumes locais, princípios de vestimenta e códigos de conduta, promovendo interações respeitosas em locais históricos e festivais. Além disso, regulamentações rigorosas estão em vigor para garantir que os locais históricos e a cultura não sejam explorados ou prejudicados pelo influxo de turismo.









Acima, em sentido horário, artesã tece fios em uma máquina típica butanesa, a rica tecelagem do país e o Mosteiro de Punakha Dzong. Na página ao lado, dança de máscaras no Paro Tshechu Festival

Como o órgão responsável trabalha com a indústria de turismo e as marcas internacionais presentes no país?
O departamento de turismo treina funcionários e outros parceiros de viagem para garantir que nossos visitantes sempre tenham guias experientes e informações para educá-los sobre os lugares que visitam, as tradições que observam e os costumes que devem respeitar. Desenvolvemos materiais informativos, e frequentemente fornecemos aos visitantes dicas do que fazer e do que não fazer enquanto visitam o Butão. Promovemos e incentivamos festivais. Também incentivamos os hotéis a garantir que a infraestrutura seja construída de maneira a educar e envolver os visitantes na cultura butanesa, além de incentivá-los a apresentar a culinária butanesa local e autêntica.

As cerimônias e os festivais religiosos são centrais para a sua identidade cultural. Como o país equilibra o desejo de compartilhar essas tradições com os turistas e ao mesmo tempo manter sua santidade e autenticidade?
Ao convidar viajantes conscientes e responsáveis e enfatizar o envolvimento significativo, o Butão garante que os tesouros culturais sejam tanto exibidos quanto preservados. Quando os visitantes participam dos festivais, guias locais os educam sobre os comportamentos e as etiquetas apropriados.

Na era digital, como o Butão gerencia o impacto da tecnologia em sua sociedade e cultura, especialmente com a crescente disponibilidade de smartphones e acesso à internet?
O Butão foi o último país do mundo a permitir a televisão via satélite em seu território. Temos acesso à internet há apenas duas décadas, mas a tecnologia ainda desempenha um papel importante em manter o país conectado, tanto internamente quanto com o mundo exterior. Em especial durante a pandemia, o país passou por uma grande revolução tecnológica e adotou um foco renovado na digitalização, seja para manter o bem-estar social e mental por meio do contato com amigos e familiares, seja para melhorar os serviços por meio de serviços online e da conscientização.

O senhor observou alguma mudança nas tradições ou rituais culturais butaneses como o resultado da adoção de tecnologia, como mudanças na forma como as cerimônias são conduzidas ou como as gerações mais jovens se envolvem com a sua herança?
Embora não haja mudanças na forma como as cerimônias são conduzidas, abraçar a tecnologia permitiu que a geração mais jovem documentasse e compartilhasse cerimônias em tempo real, promovendo maior envolvimento e apreciação de sua rica herança entre butaneses e audiências globais. Canções e danças tradicionais agora estão disponíveis online, preservando-as para as gerações futuras e proporcionando uma plataforma para o aprendizado. Além disso, jovens familiarizados com a tecnologia começaram a integrar elementos contemporâneos em suas expressões artísticas, criando uma harmoniosa fusão do antigo e do novo. Enquanto a essência das cerimônias permanece a mesma, o modo de celebração e o envolvimento foram enriquecidos, garantindo a continuidade e a renovação da cultura butanesa na era moderna.

Como o Butão incentiva os visitantes a retornarem para uma nova visita?
Não oferecemos incentivos específicos para que os visitantes retornem. Em vez disso, confiamos em nossa bela paisagem natural, em tradições profundamente enraizadas e na calorosa hospitalidade de nosso povo para encorajar os visitantes a voltar. Garantimos que os hóspedes tenham experiências incomparáveis, para levar como lembranças preciosas.

Por fim, o que significa ser UNQUIET para um butanês?
Como um dos funcionários que trabalham na indústria do turismo, ser INQUIETO significa sempre buscar aprender mais, atualizar o conhecimento e se manter atualizado, já que a indústria do turismo está em constante evolução. Também significa ter um pensamento inovador, tentando constantemente melhorar os serviços e as experiências dos hóspedes. Trata-se também de ser proativo e adaptável, ajustando-se rapidamente às mudanças e ajudando a organização a navegar por esses desafios.

AVENTURA EXTREMA

SVALBARD

Uma expedição com **snowmobiles** *em direção ao ponto mais ao norte do planeta*

POR ANDRÉ LUCCHESI



Quando nos aproximamos da coordenada de 78 °N, a vista deslumbrante de Svalbard já se revela aos aventureiros que chegam a Longyearbyen. Durante cerca de uma hora, somos contemplados com uma paisagem espetacular, uma imensidão branca de vales e fiordes infinitos, banhados pelo Mar Ártico.

Estamos a caminho de Longyearbyen, a cidade mais ao norte do planeta e o ponto de partida de nossa expedição. A nossa, a de tantos outros aventureiros que buscam explorar esse arquipélago e também a dos que querem ir ainda mais ao norte – de lá sai grande parte das expedições para o Polo Norte.

Longyearbyen é a capital de Svalbard, um território internacional governado pela Noruega. No século XX, Noruega e União Soviética exploraram intensamente a região, tendo na mineração de carvão sua principal operação. Hoje o turismo se tornou a principal atividade econômica, havendo ainda universidades e centros de estudo e exploração científica.

Em 2015, eu tive a oportunidade de visitá-la pela primeira vez, em uma expedição liderada pelo meu grande amigo e sócio, Odd Harald Hauge, um verdadeiro explorador norueguês. Hauge, que já esteve nos Polos Norte e Sul e escalou o Monte Everest, é um ícone local, frequentando Svalbard há mais de 40 anos.

Fascinado pelas paisagens, pela imensidão branca, pela luz única e por ter vivido uma experiência tão extraordinária, eu estava sempre tentando voltar para lá e apresentar esse lugar tão mágico a amigos, família e eventualmente a algumas agências de viagens que oferecem experiências exclusivas. E assim foi.

EXPEDIÇÃO SOB O SOL DA MEIA-NOITE

Devido às condições climáticas, a janela de tempo para realizar essa expedição é bastante curta, de abril a meados de maio. É a temporada do Sol da meia-noite, quando o Sol brilha durante 24 horas. Antes de abril, o frio é intenso e, a partir de junho, a maioria dos fiordes que percorremos começa a descongelar, o que inviabiliza grande parte de nossa rota, feita inteiramente com *snowmobiles*. Nossa viagem é itinerante, buscando revelar uma parte fascinante desse arquipélago, proporcionando uma verdadeira expedição aventureira.

A primeira parada é no Basecamp Hotel, localizado no centro dessa pequena capital, que abriga cerca de





2 mil habitantes. Apesar de pequena, Longyearbyen é movimentada, com hotéis e uma variedade de restaurantes notáveis. Entre eles, destaco o Gruvelageret, um antigo depósito construído inteiramente de madeira na década de 1930, o Huset, famoso pela alta gastronomia, e o Karlsberger, um pub com uma das maiores seleções de uísques e conhaques da Europa.

No dia seguinte, começa de fato a expedição. Nosso guia traça o itinerário da semana em um mapa, e seguimos para a loja de aluguel de *snowmobiles* e equipamentos essenciais (roupas completas, luvas, botas, capacetes), tudo feito especialmente para não passar frio e ficar confortável.

Damos início à jornada rumo à costa leste, em direção a uma área com geleiras imponentes. A rota dura cerca de quatro horas, e escolhemos o local de parada com base nas condições climáticas e, é claro, em busca da melhor vista. Passamos até mesmo por uma área de mar congelado, que cria uma paisagem quase lunar. Essa parte do arquipélago é desabitada e dá a sensação de estar no fim do mundo. Não poderíamos deixar de vivenciar uma autêntica noite ao ar livre durante uma expedição no Ártico. Essa noite traz desafios e histórias memoráveis! Levamos conosco a infraestrutura de alimentação para que todos possam desfrutar.

PYRAMIDEN

No dia seguinte, após um café da manhã reforçado, seguimos nossa jornada um pouco mais ao norte, em direção a Pyramiden, uma antiga vila de mineração de carvão abandonada. Construída no início do século XX pela Suécia e posteriormente vendida à União Soviética, Pyramiden foi utilizada para criar uma espécie de utopia socialista, além de ser um centro de mineração. Trabalhar lá era um grande privilégio para a classe operária russa, pois, além do emprego, todos podiam levar a família. A vila contava com escolas, centro esportivo e um hospital. Com a queda da União Soviética, nos anos 1990, a cidade foi completamente abandonada e se tornou uma parada para aventureiros curiosos. Com o tempo, o hotel foi restaurado e hoje é possível dormir lá, além de visitar sua estrutura, que foi propositalmente deixada intacta, proporcionando uma viagem no tempo.

Em nossa última expedição, em abril de 2023, fomos surpreendidos pela visita de um urso-polar no centro de Pyramiden. Foi realmente um privilégio inigualável. Embora encontrar ursos seja raro, já que eles têm medo dos seres humanos e se assustam com o barulho dos motores, é possível avistá-los em várias partes do arquipélago. É importante ressaltar que existe uma proteção rigorosa não apenas para os ursos, mas para toda a fauna local. Há um imenso respeito pela natureza em Svalbard, perceptível nas conversas com os moradores e nas orientações fornecidas aos viajantes.

ISFJORD RADIO STATION

Após nossa noite em solo russo, seguimos em frente, em direção à parte oeste do arquipélago, percorrendo cerca de 250 km, o dia mais longo da expedição. Essa jornada nos presenteia com um dos trajetos mais deslumbrantes. Passamos por vales magníficos, trilhas retas, onde podemos testar os limites dos *snowmobiles*, e uma rota ao longo da costa, chegando a Isfjord Radio Station, uma antiga estação de rádio que hoje funciona como hotel, pertencente ao mesmo grupo do Basecamp Hotel. A vista para o mar, com o Sol da meia-noite, é um cenário recompensador e deslumbrante.

Normalmente, ficamos duas noites em Isfjord. O entorno é incrível, então organizamos um passeio no dia seguinte para apreciar as vistas e observar animais, como focas, raposas e morsas, além dos ursos-polares. Também aproveitamos o tempo para relaxar no hotel, onde é possível desfrutar de uma sauna revigorante e, para os mais corajosos, dar um mergulho no mar, cuja temperatura se aproxima de -1 ˚C! O restaurante do hotel é espetacular e já foi apresentado no programa *Restaurants at the End of the World*, da National Geographic.

BARENTSBURG

No último dia, retornamos a Longyearbyen. No caminho, fazemos uma breve parada em Barentsburg, uma vila russa ainda em atividade na mineração de carvão. É interessante observar o contraste entre as duas vilas, e é impossível não lembrar de Pyramiden e imaginar como seria se ela ainda estivesse habitada. Barentsburg é uma pequena cidade, com escola, igreja, hotel, restaurantes e bares. Podemos conversar com os moradores e mergulhar em uma experiência cultural marcante.

Após o almoço, seguimos de volta ao nosso ponto de partida, o Basecamp Hotel, onde temos algum tempo para descansar antes do último jantar. A chegada proporciona uma vista espetacular, ao passar pela montanha que abraça a vila. Esse é o último momento com os *snowmobiles*, que se tornaram nossos companheiros ao longo de uma semana.

Finalizamos a expedição com um espetacular jantar no mais conhecido restaurante de Svalbard, o Huset. Ele só não tem uma estrela *Michelin* porque, por uma política muito comum em Svalbard, há uma rotatividade frequente de *chefs*. Mesmo assim, ele é considerado um restaurante cinco estrelas.

Svalbard é verdadeiramente um destino fascinante. Poder compartilhar com amigos, clientes e agora com a UNQUIET é realmente um privilégio!

Já estamos nos preparando para a temporada de 2024!

@livstaexperience

CRÔNICA

Uma Viagem para Dentro

Quando a simplicidade de uma rotina típica italiana, uma boa massa, um bom vinho e ótimas companhias são o melhor destino

POR ANA CAROLINA RAIMUNDI ILUSTRAÇÃO ANTONIO LEE

Eu tinha me separado fazia pouco tempo. Foi daquelas relações longas que, quando terminam, deixam a gente entorpecida numa névoa de embotamento, flutuando numa fenda no tempo em que nada tem gosto ou graça. Eu tinha férias para tirar no trabalho e elas nunca me pareceram tão necessárias. Eu nunca estive tão emocionalmente exausta e perdida. Mas me lembrei de Clarice Lispector, que disse que "se perder também é caminho", e decidi assumir e abraçar a nova estrada que se abria para mim.

Aos 47 do segundo tempo, quando eu já tinha até desistido de qualquer viagem, minha amiga italiana, Silvia, que mora no Rio de Janeiro, me convidou para ir com ela visitar os pais numa cidade minúscula na Emilia-Romagna e, de quebra, participar do casamento do irmão dela. O convite incluía estadia gratuita na casa da família Capucci e refeições preparadas por Franco e Cosetta, pai e mãe de Silvia.

Embarcamos juntas num voo para Bolonha, a "cidade grande" mais próxima do nosso destino: Villanova di Bagnacavallo, uma pequena vila de 4 mil habitantes, às margens do Rio Lamone, onde a maior atração é o Ecomuseo delle Erbe Palustri (algo como Museu Ecológico das Plantas do Pântano), que inclui objetos feitos com vegetação do brejo e madeira, que eram usados na era pré-industrial.

Chegamos em casa exaustas do voo longo, e as toalhas já estavam dobradas, esperando o banho, e os pratos na mesa, aguardando a massa quentinha. Havia também uma estranha sensação de estar chegando a um lugar que, de alguma forma, eu conhecia. Era uma casa de classe média com saudade da filha que não mora mais lá, mas que conservava seu quarto de adolescente, com seus livros, suas fotos e suas bonecas. Aquela atmosfera me lembrava a da minha própria família, que se enche de um frisson diferente quando a filha também chega de visita.

Nem a minha amiga nem a família dela entendiam que, para mim, tudo estava bom, e isso não é exagero. Pode ser pão com creme no café? Sim, pode. Pode ser café da máquina? Pode. Tudo bem almoçar lasanha? Claro. E jantar capelete? Com certeza. E *piadina, gelatto, prosciutto di Parma, parmigiano reggiano* e tudo mais de delicioso daquela região.

O roteiro era acordar, tomar café, papear à mesa e decidir onde iríamos almoçar e passear. Fazíamos viagens durante o dia pela região, que é muito mais linda do que eu poderia imaginar. Passamos por Ravena, que já foi a capital do Império Romano, e Modena, onde a polícia anda de Lamborghini, tomamos banho de mar em Milano Marittima e drinques em Ferrara, e tiramos lindas fotos em Comacchio, conhecida como a "pequena Veneza".

Quando a noite ia chegando, eu sempre dizia para Silvia: "Hora de ir para casa! O que será que seus pais prepararam para o jantar?" Até hoje não sei como conversei tanto com o pai da minha amiga. E rir fazia parte de todas as refeições, assim como fazia parte também todo mundo achar que eu estava comendo muito pouco mesmo depois de repetir duas vezes.

Os dias foram passando e eu vivenciava duas coisas: estar numa espécie de *stand by* emocional, em que consegui abrir mão da tristeza e dar espaço às coisas lindas e simples daqueles dias, e senti também como se as primeiras gotas de chuva estivessem tocando um terreno rachado de tão seco. Foi quando percebi que eu fui para "aquela Itália" fugindo de tudo o que há de mais badalado, imperdível e disputado. Fui dormir na cama de adolescente da minha amiga e voltar para casa para o jantar, porque a viagem que eu estava fazendo era para dentro e, naquele momento, aquela casa era, para mim, do tamanho do Coliseu.

No dia de ir embora, foi uma choradeira.

A gente nunca volta igual de uma viagem, e nem sai a mesma depois de um amor que faliu. Mas, quando a gente se reencontra diferente, e começa a gostar do que vê, é como se o peito se enchesse de ar, de fôlego renovado, para começar um novo capítulo dessa louca viagem que é a vida.



Inspiradores



DOUGLAS TOMPKINS (1943–2015)

Um verdadeiro mecenas da Patagônia chilena, Douglas Tompkins dava sinais, desde muito jovem, de que a natureza seria o seu maior projeto de vida. O empresário norte-americano nasceu em Ohio, em 1943, mas mudou-se para Millbrook, em Nova York, com a família ainda na infância. Foi ali, no vale do Rio Hudson, que ele iniciou suas primeiras incursões, apaixonando-se então por esportes como escalada e esqui. Estar ao ar livre, em meio ao verde, motivou diversas viagens pelos Estados Unidos e pelos Andes e também a abertura de uma marca esportiva que tinha produtos para clientes com esse mesmo perfil. Em 1964, ao lado da primeira esposa, Douglas fundou a North Face, cujo slogan era "nunca pare de explorar". Cinco anos mais tarde, ele vendeu a empresa e passou a se dedicar à nova marca que lançara, a Espirit, de roupas casuais. A fortuna que veio com o sucesso da grife o levou a abandonar o mundo corporativo em 1990, após vender a rede por mais de 150 milhões de dólares.

Em 1990, ao lado da segunda esposa, Kristine, mudou-se para a América do Sul, dividindo-se entre a Argentina e o Chile e apaixonando-se cada vez mais pela biodiversidade dos biomas patagônicos. Ativo e envolvido na conservação da região, ele adquiriu quase 1 milhão de hectares, incluindo o Parque Pumalin, um dos maiores parques privados do mundo, que vai do Oceano Pacífico aos Andes. O casal passou a dedicar a vida ao ativismo contra a depredação da natureza e a comprar mais e mais terras, revertidas em áreas de conservação. Juntos, ambos ajudaram a criar ou expandir 15 parques nacionais, incluindo o Parque Nacional da Patagônia (PNP), no Chile, totalizando 60 mil quilômetros quadrados, além de colaborar para o desenvolvimento do turismo consciente na região após a construção da Carretera Austral, uma rota de preservação que conecta parques nacionais no sul chileno.

Douglas Tompkins morreu em 2015, num acidente de caiaque, no Lago General Carrera, no PNP. Kristine se mantém ativa como conservacionista e no comando da fundação Rewilding Chile – The Legacy of Tompkins Conservation. Ela ainda se emociona toda vez que percebe a flora e a fauna se regenerando, o que a motiva a continuar com o legado do marido.

Certified B Corporation

GOYA BY COPASTUR



Viagens únicas que ajudam mostrar o que há além do horizonte.
Goya by Copastur uma agência Virtuoso.